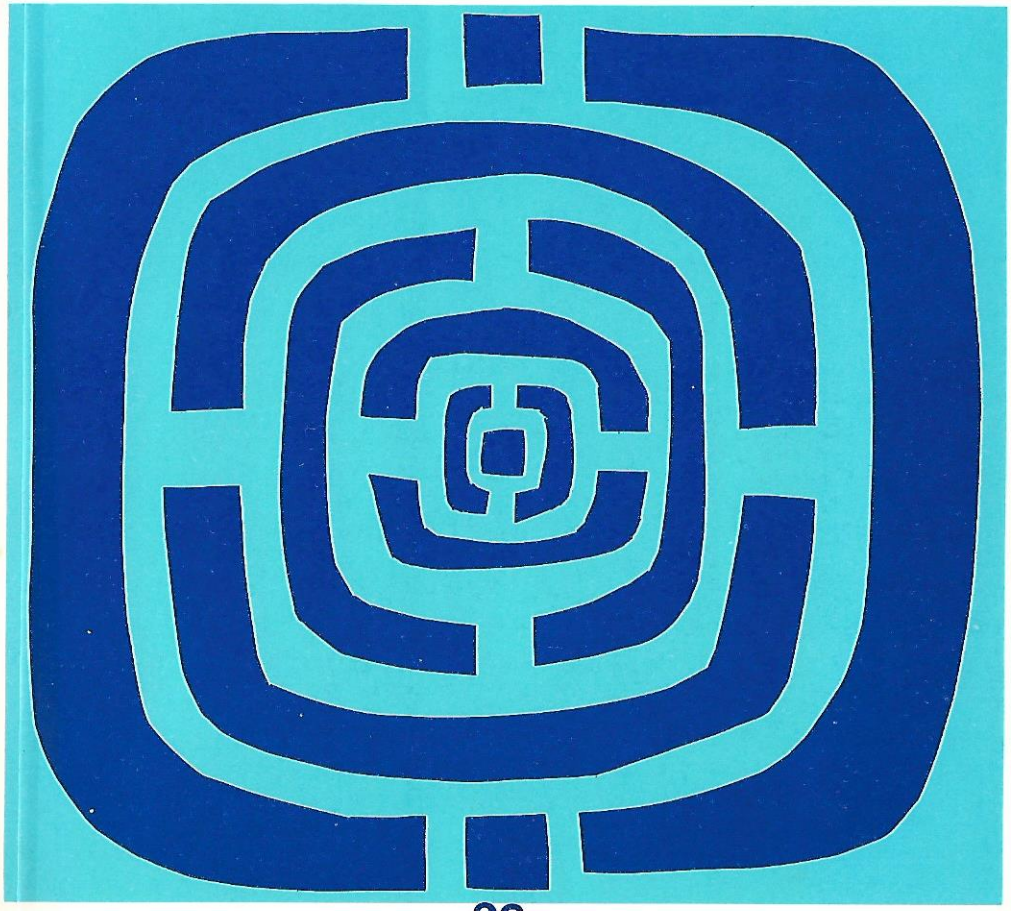
J. POSADAS

A RELIGIÃO, O PROGRESSO SOCIÁL E O SOCIALISMO



ec
cp

J.Posadas

A RELIGIÃO
o progresso social da história e o socialismo

Editora Ciência, Cultura e Política

J. Posadas
(1912 - 1981)
Organizador e dirigente teórico e político
da IV Internacional Posadista

la. edição em português

1984 - Direitos reservados pelo autor

Autor da capa: Luís Díaz Correa

EDITÔRA CIÊNCIA CULTURA E POLÍTICA LTDA
CGC: 43.752.690/0001-48 Inscr. Est. 110.284.598 - SP
Largo 7 de setembro, 34 - 10 andar S/1 - S.P. - C.P. 5456

ÍNDICE

Apresentação 5
A religião, o progresso social da história e o socialismo 7
O Congresso Internacional de Teologia e a mudança no pensamento dos setores religiosos 22
A discussão na Igreja e a desintegração capitalista 26
A viagem do Papa à Polônia, a Igreja e o socialismo 30
A viagem do Papa à América Latina, a crise da Igreja e do sistema capitalista 42
A Igreja, o progresso da humanidade e o comunismo 47
Lefebvre e a crise do sistema capitalista 55
A crise do sistema capitalista, a reunião do Sínodo e o amadurecimento das massas católicas para o socialismo 59
A Igreja, com a reforma administrativa e orgânica, trata, sem conseguir, de acomodar-se entre o processo de decomposição e queda do sistema capitalista mundial e o ascenso mundial da revolução socialista 64
Outras obras de J. Posadas publicadas pela Editora Ciência, Cultura e Política 72

APRESENTAÇÃO

Os textos contidos neste livro representam apenas uma parte dos artigos de J. Posadas sobre a questão da religião nesta época da história. Apesar da grande diferença cronológica entre o texto mais antigo do livro e o mais recente, em todos eles está presente uma linha de raciocínio comum: as mudanças verificadas no seio da Igreja são reflexo de um processo no qual as massas religiosas em geral elevam a sua experiência social, vêem o exemplo concreto da existência de 20 Estados operários no mundo, e vão unindo, na sua consciência, a religião com a decisão de transformar o mundo e construir o socialismo. Isto faz com que se desenvolva dentro das religiões, especialmente nas que têm base de massa, como a católica e a muçulmana, um processo de influência do materialismo, do socialismo, provocando uma diferenciação entre os setores de base da Igreja, que decidem cada vez mais aliar-se à população, e as cúpulas religiosas.

Estas obras de J. Posadas são, portanto, uma interpretação atual sobre uma questão que o marxismo já tratou em outras etapas históricas, mas não sob a ótica da relação de forças mundial vigente. Por isto J. Posadas afirma que, embora historicamente continue de pé a afirmação de Marx de que "a religião é o ópio dos povos", atualmente ela já não pode ser utilizada estritamente com tal função. Na verdade são as massas que utilizam-se cada vez mais da religião, como na Nicarágua, ou no Irã, ainda com todas as contradições atuais do processo neste país, para se unificarem contra o imperialismo e acabarem com a exploração.

A tática e a relação com os movimentos religiosos, portanto, deve adaptar-se a estas novas condições históricas. A publicação deste livro é especialmente importante, no Brasil, país onde há toda uma corrente na Igreja, de massas, que luta pela transformações sociais, e que se expressa em parte, mas não exclusivamente, nas Teologias da Libertação.

Apresentamos este livro aos leitores e à vanguarda em geral com a certeza de tratar-se de uma contribuição essencial à aplicação e desenvolvimento do marxismo nesta etapa da história, e à compreensão do mundo atual.

Os Editores

10 de abril de 1985

A RELIGIÃO, O PROGRESSO SOCIAL DA HISTÓRIA E O SOCIALISMO

11 de agosto de 1980

É preciso analisar o problema da religião no desenvolvimento da luta de classes, tal como se dá na atualidade, para determinar nossa atitude, a dos Estados operários e partidos comunistas.

Considerando a função e o desenvolvimento que a religião tem assumido nesta etapa da história, o movimento comunista e a esquerda devem adotar uma conduta de aliados e de inimigos. Isto porque a estrutura da Igreja é inimiga, mas a base é aliada na luta pelas transformações sociais.

Na Igreja, como em qualquer outra organização, se expressa o princípio da luta de classes: as pessoas agem por necessidade social. A religião é um recurso: numa etapa anterior foi um recurso da consciência; mas posteriormente se desenvolveu como um recurso artificial e social. Não se pode medir a função da religião a não ser em relação ao nível da luta de classes em geral, seja católica, judia, muçulmana ou qualquer outra.

A organização da religião se desenvolve ao mesmo tempo em que se desenvolvem as lutas sociais e o progressso social: frente ao Papa está a URSS, China, Cuba, Angola. Estão os países que surgindo de um atraso ancestral, resolvem os problemas baseando-se na programação da economia, na expropriação da propriedade, eliminando o mais importante da propriedade privada e programando a produção baseada na intervenção das pessoas na direção da sociedade. Sem rechaçar a religião, nem os preceitos religiosos, nem os princípios, nem os fins religiosos, as pessoas vão se educando neste programa e vêem que o princípio de viver está unido à intervenção na economia, na direção e na distribuição; que a cultura, a arte e a ciência - que se manifestam desigualmente, mas que de todas as maneiras expressam o desenvolvimento da inteligência -, permitem o conhecimento, o saber e não depender da casualidade ou de um processo sobre o qual a humanidade não pode determinar. Com a cultura e a ciência, também com a arte, mas menos, a humanidade sente que desenvolve a capacidade de organizar a economia e de prever.

A economia, os fenômenos do tempo - astronômicos, meteorológi-

cos e outros -, os problemas da relação com a natureza e com o cosmos, tudo isto que hoje o ser humano pode organizar,e prever, elevam a sua capacidade para determinar a conduta humana frente ao tempo e, mais do que isto, a conduta social. O ser humano pode determinar socialmente o que é melhor para ele; e nos Estados operários vê o melhor.

O capitalismo acusa os Estados operários de serem "expropriadores, exploradores e castas de patrões", mas as pessoas vêem que aí não há desemprego, não há fome, não há miséria, não há gente que vive na rua. Mesmo havendo alguns conflitos limitados, como na Polônia, na Romênia, na Iugoslávia, as pessoas de todas as formas vêem que existe um progresso imenso. Vêem que foram países que partiram de um atraso enorme, de estruturas semi-feudais, e passaram diretamente a estruturar relações que permitem desenvolver a economia, a inteligência, a capacidade artística e a capacidade cultural das pessoas.

As pessoas vêem e se desenvolvem através desta experiência; e este desenvolvimento responde à inquietude e à preocupação que deu origem à religião: Por que estamos aqui na Terra? Como viemos? O que fazemos? De que dependemos? É necessário um condutor do sentimento e da consciência ou é preciso intervir na sociedade, que é a que organiza os sentimentos e a consciência? A sociedade organiza a consciência de maneira inteligente. Isto se vê no comportamento das pessoas: continuam com a religião, seguem os preceitos religiosos, mas quando têm que decidir socialmente, decidem de acordo à necessidade da luta de classes. Este comportamento é cada vez mais desenvolvido, por isto há cada vez menos gente nas Igrejas, cada vez menos força religiosa organizada e menos peso da religião sobre as pessoas. Com qualquer religião ocorre este processo.

A elevação das pessoas está determinada, essencialmente, pela existência dos Estados operários. As pessoas vêem que nos Estados operários não existem problemas sociais, econômicos, culturais, científicos, humanos e que, em vez disto, há um grande desenvolvimento. Povos atrasados, como era o russo na época dos czares, em 63 anos, são os mais adiantados do mundo. E nada disto é consequência do temor, da dependência do ser humano com relação ao céu, à terra ou ao tempo; é a forma cosnciente do ser humano organizar a vida. Isto estimula a resolução das pessoas de intervir nas lutas sociais e de acordo às necessidades sociais, que são determinadas pela participação direta do ser humano com relação aos problemas sociais.

As pessoas vêem, julgam, analisam e não se sentem dependentes de uma influência, seja oral, escrita, sentimental ou mental, ou do cálculo do desconhecimento sobre aonde vamos e o que existe depois do mundo. A chegada do ser humano à lua tirou 40 por cento da força da

religião; o projeto soviético do nascimento de uma criança no espaço, junto com o nascimento debaixo d'água, tirou outros 20 por cento(1); e está unido a isto a influência que significa a intervenção das massas atrasadas da China, da Rússia, de Moçambique, de Cuba, da Etiópia, que impulsionaram a passagem de países feudais a Estados operários. Na Etiópia, a base do conhecimento científico era determinada pelo Negus (ex-imperador Selassié- Nota dos Editores -) e todas as relações entre a Terra e os astros, entre o ser humano e Deus, estavam baseadas na concepção de que a terra era quadrada. Isto desenvolveu o encerramento do ser humano, porque ele não podia decidir nada e era o céu quem decidia; e o Negus representava o céu.

As massas da Etiópia não acreditaram em nada disto, acreditaram em Lenin e viram a possibilidade de derrubar o Negus. Ele dava de comer aos seus leões carne especial, tinha cavalos selecionados, e servia-se de um pessoal imenso para a manutenção destes animais; ao mesmo tempo, a duas quadras do palácio do Negus, as pessoas não tinham o que comer e morriam de fome pelas ruas.

Todas as bases do conhecimento científico, do desenvolvimento social, demonstram que não há lugar para uma perspectiva obscura, como foi a da Etiópia. Essencialmente, o mistério da economia é uma das bases da religião, porque as pessoas não sabem o que é a economia. A economia depende da cegueira do mercado, então os seres humanos aparecem sem poder organizar, dirigir, controlar ou determinar o curso da vida e da economia. Mas agora existem os Estados operários, que planejam e avançam. Onde o planejamento não é cumprido, como na China, na Romênia, ou na Iugoslávia, a causa é devida à burocracia dirigente desses países, à qual o capitalismo procura estimular.

A imprensa burguesa agora fala das greves na Polônia. Mas não dizem nada que quando o Papa foi à Polônia, esteve frente à quase um milhão de pessoas e nem se lembrou de dizer que estava em dissidência com o Estado operário ou de pedir liberdade para a população e para a economia, porque se dissesse isto, as pessoas o expulsariam.

A religião já não determina a conduta da população

Para intervir, é necessário considerar o progresso da luta de classes e sua influência sobre a religião e os religiosos. Mas o desenvolvimento dos Estados operários influi poderosamente sobre as massas religiosas do mundo. Por exemplo, na Itália a Democracia Cristã perde força constantemente na sua própria base, e principalmente entre os jovens que se incorporam à luta social, e nenhum adere à Democracia Cristã. A porcentagem de jovens que entra para a Democracia Cristã é míni-

ma; o resto vai aos comunistas, socialistas ou aos grupos de esquerda. Por isto nas últimas eleições, houve 17 por cento - uns 7 milhões - de votantes que se abstiveram, votaram em branco ou anularam o voto. Estes não eram votos da burguesia, mas de uma grande quantidade de jovens que não se sentiram atraídos e nem representados seja pelos comunistas ou socialistas. O processo no resto do mundo é o mesmo.

A religião não determina mais a conduta das pessoas, é a concepção baseada na experiência da luta de classes o fator preponderante. E as pessoas vêem que a luta de classes se desenvolve no mundo dirigida pelos Estados operários. É a relação mundial de forças o que determina a conduta das pessoas e não a crença religiosa.

A crença religiosa se concentra cada vez mais nas cúpulas. Neste sentido, é preciso ter em conta dois aspectos diferentes: um, é a crença religiosa e o outro, é a estrutura política da Igreja a serviço do capitalismo. Uma coisa é a estrutura da Igreja e outra são as pessoas que assistem ao rito religioso.

O conhecimento, que se desenvolve de forma ininterrupta, para poder calcular os processos meteorológicos ou astronômicos, permite que não se dependa dos fenômenos naturais e que se preveja os seus efeitos e consequências. Desta maneira, as pessoas compreendem que não é a oração a que determina estes processos, e sim os problemas da natureza, que é preciso estudar. A economia aparecia como um mistério que era parte da vida, dando, assim, os fundamentos para o mistério da religião; então a religião surge porque a vida aparece como um mistério e Deus guia este mistério.Hoje as pessoas aprendem que não é assim, o que dá espaço para o surgimento de uma camada imensa, de origem religiosa, que já não é militante da religião, mas que ainda acredita na necessidade de uma certa regulamentação da vida humana, porque vê a barbárie que existe, e o Estado operário ainda não ganhou autoridade suficiente para atraí-los.

Já existe uma separação, nos setores religiosos, entre a conduta sindical, política, social e o cumprimento das obrigações religiosas. As pessoas vão, rezam, mas depois saem da Igreja e fazem greve e votam pelos comunistas. Isto não é produto de uma influência passageira, é uma conduta que as pessoas adotam porque vêem que o Estado operário é o único que resolve todos os problemas não apenas do tempo e do espaço mas também os da terra. Desta maneira, fica claro que pode-se produzir tudo o que é necessário, que a economia não é um mistério, como tampouco as crises de desemprego, e que tudo isto é produto da direção capitalista. Então as pessoas elevam a compreensão sobre a natureza dos problemas sociais e, em consequência, dependem menos da religião.

Uma das origens da religião foi a relação entre a vida e a morte, entre a necessidade e a possibilidade de responder à necessidade, entre a evolução da vida e a passagem do animal ao ser humano, que posteriormente se desenvolveu de forma mais organizada através do mistério da economia.

Todos são fatores - o da vida e da morte, a relação com a terra, os fenômenos naturais, o problema da alma - são todas bases da criação da religião, que tenta manter a sobrevivência através da alma. "A alma continua vivendo e vai para o céu": isto é uma trama da Igreja, que pôde surgir pelo desconhecimento da época, por um elemento que aparecia como um mistério: o que acontecia depois da vida. A Igreja recolheu esta situação, e a transplantou como uma categoria de vida, na qual se continua vivendo mas no céu. Para tanto, era preciso ter uma conduta que permitisse ir ao céu, e esta conduta era a Igreja quem determinava, fazendo-o, por sua vez, de acordo ao interesse da propriedade privada.

O desenvolvimento da luta de classes, o desenvolvimento dos Estados operários, deu segurança à humanidade, que não sente a morte individual ou de uma pessoa próxima, como um motivo para afastar-se da preocupação pela vida: todo mundo continua vivendo, já ninguém vive prostrado pela morte de um familiar: "morreu, mas é preciso continuar vivendo..."

As massas religiosas do mundo vão superando o seu submetimento à direção eclesiástica; são religiosas, mas não eclesiásticas. Têm um sentimento de crença, seja em Deus ou em uma forma extraterrestre, mas agem cada vez mais regular e acentuadamente, socialmente de acordo à necessidade do progresso da vida, que não é religioso: o progresso da vida se faz através das transformações sociais e com as massas intervindo.

Em nome de Deus ainda um grande número de padres, aiatolás e outros, morrem defendendo a repartição das terras. Por exemplo, na Nicarágua, El Salvador, Bolívia, Argentina, Brasil: são infinidades de sacerdotes de alta categoria que lutam na defesa da terra dos camponeses, pelo direito dos operários, dos que não têm casa. São assassinados na defesa destes direitos, e fazem-no em nome de Deus, o que mostra que a influência social é mais poderosa que a limitação cultural que determina a concepção religiosa.

É preciso estimular a intervenção das massas religiosas uma vez que dentro de pouco tempo, em alguns anos mais, veremos que não há necessidade de fatores estranhos à relação humana: é a relação humana que determina tudo.

É necessário facilitar os meios para a intervenção das massas religio-

sas, católicas, muçulmanas, em menor grau das judias, por causa da casta dirigente, e pelo pouco peso que têm. Desta maneira as massas religiosas vão fazendo a experiência. Não se deve colocar como uma condição, que a religião " é o ópio dos povos". Estamos de acordo com o que disse Marx, mas numa série de condições e oportunidades, nós passamos a usar o ópio contra o capitalismo. Nas altas cúpulas da direção da Igreja, se mantém a condição de que a religião "é o ópio dos povos"; no entanto, o religioso não se comporta como opiado mas como dinamizador revolucionário que tende a transformar a sociedade, porque a experiência dele é feita na vida e aplicada na vida.

A conduta da cúpula da Igreja e a das massas religiosas

Há uma parte enorme das massas, que continua sendo católica, e tem certa crença, mas a sua conduta social é a de lutar pelo progresso. Nós(se refere à Internacional Posadista - Nota dos Editores-), o movimento comunista, os Estados operários e a esquerda no seu conjunto, necessitam compreender como intervir taticamente neste processo. No Irã nós já adotamos um comportamento que é uma experiência muito boa.

É necessário aprender a compreender os movimentos religiosos, não impor-lhes que abandonem o sentimento religioso ou repetir para eles que "a religião é o ópio do povo". Como estrutura e princípio, a religião continua sendo o ópio do povo, mas já não pode continuar cumprindo esta função. O processo mundial da luta de classes supera todas estas limitações, de modo que o ópio não tem, socialmente, força histórica, e um ópio pequeno, que é o refúgio para os grandes ou médios capitalistas, mas não para as pessoas em geral.

A prova disto está na atitude do Papa pois é ele que deve adaptar-se ao processo da luta de classes e não a luta de classes ao Papa. Este se acomoda a cada país em que vai, o que significa que vai com discursos, análises e atitudes diferentes. Mas tudo como parte de um princípio: não pode colocar a religião como condutora, como juiz para impor às massas a se submeterem a quem manda. Pelo contrário, tem que aparecer julgando os que mandam, mesmo superficialmente deve julgar o capitalismo e não o Estado operário.

É necessário avaliar este Papa e comparar a atual estrutura da Igreja com a que tinha antes. O Papa não se anima a fazer um ataque direto aos Estados operários, tem que fazê-lo indiretamente ou de forma figurada, às escondidas, porque não teria apoio popular e porque o Estado operário é uma potência econômica, social, cultural, científica e artística. Artisticamente menos, mas muito superior cultural e cientificamente.

O Papa faz suas viagens para manter a influência da Igreja. Basta ver os últimos acontecimentos no mundo para perceber que todos vão contra a hierarquia da Igreja: Nicarágua, El Salvador, Brasil, Bolívia. É por isto que o Papa trata de manter a autoridade e adaptar-se ao processo atual da história. Em nenhum lugar pôde defender abertamente o sistema capitalista, defender os proprietários, sustentar a luta contra a URSS ou dizer que os Estados operários são assassinos, nada disto. Nem sequer pôde ir para chamar a atenção das massas para que se oponham aos Estados operários; e quando teve que defender a propriedade privada, teve que fazê-lo de forma muito geral. Isto mostra a maturidade do mundo e das pessoas que foram escutá-lo, que o utilizaram como um ponto de apoio contra os governos de cada país, como aconteceu no México e no Brasil. Não foram para dar-lhe apoio e sim para manifestar-se contra os governos destes países.

A Igreja sente que perde autoridade e força social na base e mesmo nos quadros altos e médios. Assim como na Nicarágua há ministros que são sacerdotes, no Irã existem aiatolás que intervêm aprovando medidas de organização da produção e de relações que são anticapitalistas. E isto não é para "manter a clientela", são levados pela convicção. Uma grande parte da Igreja aceita que para progredir é preciso fazer transformações sociais.

Os Estados operários têm influência sobre as populações católicas dos países da África, Ásia, América Latina e parte da Europa. São, essencialmente, as camadas baixas da direção das igrejas que aumentam a sua desconfiança na estrutura da Igreja, porque, vivendo a revolução, aprendem como se resolvem os problemas sociais; que não se resolvem com as preces, as orações ou esperando e dependendo da Igreja, e sim através da intervenção das pessoas. Mesmo limitadamente, isto é o que ganha setores religiosos.

A nossa tática, dirigida aos movimentos religiosos, deve ser como no Irã: participar impulsionando estes movimentos. Fazemos da mesma forma na Nicarágua, em El Salvador, porque é uma tática que vem dos anos 56-58.

Reiteramos que é preciso diferenciar bem a atitude da cúpula religiosa da atitude da multidão religiosa junto com alguns altos dirigentes religiosos. É necessário responder à conduta das massas religiosas e coordenar a nossa conduta política e organizativa com relação a elas para atraí-las. Não com uma tática de mentiras, de esconder ou de ocultamentos, mas diretamente, compreendendo que a massa católica busca o progresso da sociedade e que depende da existência de uma direção com uma política e uma tática adequadas para que a massa cató-

lica possa impulsionar o progresso social.

É dentro de um processo que a massa religiosa aprende a libertar-se socialmente da dependência religiosa. Mesmo conservando suas crenças religiosas, dá um passo muito importante que é o de libertar-se socialmente da submissão à direção religiosa a serviço do capitalismo. E é nesta experiência que as massas religiosas estão aprendendo a conduzir-se de forma a servir-se das crenças religiosas como meio de progredir socialmente. Não esperando um abandono, uma superação ou uma elevação de sua capacidade cultural - que agora não pode ser adquirida, porque não tem o tempo e nem os meios - mas vendo que as massas religiosas aprendem socialmente e de forma rápida a noção da luta de classes. Aprendem que o que decide a história é: ou burguesia ou socialismo, e, ainda que não seja socialista, a massa religiosa escolhe as formas socialistas para o progresso da sociedade. É esta a conclusão que deve determinar a conduta política dirigida aos movimentos religiosos e que foi a que determinou a nossa conduta no Irã e também na Nicarágua e em El Salvador.

Neste processo é necessário estimular a participação da massa religiosa, dirigindo a sociedade. Isto vai educá-la a depender de si e não de Deus ou da prece: depender de si e de sua capacidade. Desta maneira, sem abandonar ainda a crença religiosa, a sua conduta social se afirma no plano da intervenção materialista dialética. E isto então vai elevando a sua consciência na relação com a religião.

A Igreja é uma instituição que tem um aparato a serviço do grande capital, mas que agora também tem que defender-se dele para subsistir. Para isto faz uma série de concessões que de toda maneira, sem separá-la, a diferenciam do grande capital. Essa é a atitude do Papa, que tem que fazer declarações que não são totalmente favoráveis ao grande capital.

Os partidos da Internacional (se refere à IV Internacional Posadista - Nota dos Editores -) devem ajustar a sua tática para intervir onde estes movimentos religiosos tenham importância, devendo determinar as suas relações de acordo com o desenvolvimento da luta de classes, e considerando que todas estas pessoas vão vir à luta de classes, porque estão aptas para isto.

Em geral, quando um país é mais atrasado, há maior influência da religião; mesmo sem estar organizada, as pessoas procuram a religião como um meio de explicar a situação em que vivem. Mas mesmo nos lugares mais atrasados é preciso levar em conta que o progresso da revolução socialista influi sobre as massas e os dirigentes religiosos.

A intervenção como direção das massas católicas, que fazem frente com comunistas, socialistas, movimentos de esquerda e aprendem a re-

solver os problemas sociais (na Ásia, África, América Latina e em parte na Europa), vai liberando-as e criando uma força de oposição à direção católica submetida ao capitalismo. O exemplo da Itália é bem indicativo: a imensa maioria dos católicos não vota na Democracia Cristã, vota nos comunistas, socialistas e grupos de esquerda . Quem vota na Democracia Cristã é a grande burguesia, a pequeno burguesia acomodada, a máfia e o aparato clientelar já estruturado, mas não a massa católica. E dentro da própria Democracia Cristã existe um setor importante bem de esquerda, mas que social e intelectualmente é débil, porque a sua preparação não foi determinada pela influência comunista. Os comunistas influenciam em alguns problemas, mas não na formação da compreensão social.

Esta influência e impulso que a massa católica sente, vem da relação mundial de forças, e essencialmente porque a massa dos Estados operários resolve os problemas econômicos. Há greves como a da Polônia ou as que houve na Hungria, Romênia ou Iugoslávia, mas são greves; no entanto, as pessoas vêem que os problemas sociais os Estados operários resolvem bem. Existe moradia, educação, assistência sanitária e são países que saíram de um enorme atraso e que resolvem todos os problemas sem passar por uma etapa de submetimento à crença religiosa, à religião ou ao céu; partem do que estão fazendo e do que vão aprendendo. Não eliminam todo o sentimento religioso, mas sim a dependência essencial ao mesmo. São fases nas quais as massas religiosas vão ascendendo.

No Irã, tudo isto que analisamos tem muita importância. Para poder derrubar o Xá, tiveram que usar a força religiosa porque esta constituiu o centro de unificação, na falta de partido, de sindicato e de direção política. Foi por isto que a luta contra o Xá teve que ser feita através do movimento religioso; mas o progresso do Irã já não depende da estrutura, do programa ou dos preceitos muçulmanos, porque é necessário fazer a economia avançar e para isto é preciso estatizar, planificar e aprender a dirigir. Tudo isto não está contido nos preceitos religiosos, nem no Corão, nem em nenhuma Bíblia, mas está na experiência que as pessoas estão fazendo. Os Komeini têm que intervir para influir sobre as massas e conduzí-las contra a ameaça do imperialismo ianque. E parte deste movimento religioso acredita que é possível progredir socialmente e facilita este progresso. Portanto é necesário ter uma tática dirigida a estes setores e fazer uma frente única, como nós propusemos.

É preciso fazer esta aliança com setores da direção religiosa com a compreensão de que eles, para avançar, são obrigados a fazer diversas medidas e concessões que afetam o sistema capitalista. As limitações desta direção religiosa são as próprias deste tipo de movimento que não

teve antes pontos de apoio para desenvolver-se. A força que Komeini tem não vem da religião, e sim da vontade de mudanças sociais do povo iraniano. Como a direção do processo é religiosa, então aparece centralizando tudo, mas isto não é verdade. A direita muçulmana, os integralistas, são um pequeno grupo; os revolucionários muçulmanos, mesmo eleitoralmente, obtiveram quase 2 milhões de votos o que significa que representam um movimento muito grande.

A tática da frente única para impulsionar a intervenção das massas religiosas

A tática deve ser a de considerar que estes movimentos religiosos representam certa força social, mas não a direção social: são forças sociais com as quais é preciso contar para fazer frente única. Ao mesmo tempo, é necessário buscar fazer com que os sindicatos intervenham nestas frentes, porque se se reduz a uma frente entre estes movimentos e os partidos comunistas, o alcance se limita.

Os sindicatos têm que exercer a função de educar a classe e a forma é fazendo-a intervir dirigindo a sociedade. Deve saber ler, escrever, fazer reuniões, participar de conferências, de assembléias; mas o fundamental é que deve intervir dirigindo a sociedade. Deve fazê-lo dirigindo a economia, seja intervindo na fábrica, no bairro, aprendendo a desenvolver as qualidades para dirigir a sociedade. Esta é a base através da qual a classe operária se desprende da influência religiosa e da direção que quer conter o seu progresso.

As pessoas que participam nos movimentos religiosos, aprendem que podem resolver todos os problemas sem necessidade de Deus, nem da reza, nem do ritual, mas do que sim têm necessidade é do conhecimento científico da economia, que se faz na Terra. Esta experiência eleva por cima da limitação religiosa, porque, então, as pessoas aprendem a ver os problemas científicos da vida. Por isto o essencial é estimular a intervenção das pessoas e de todas as massas religiosas.

Não se pode copiar a tática da frente única com os movimentos religiosos da França, da Alemanha ou de algum país atrasado. A Democracia Cristã da Alemanha e da França têm um setor bem de esquerda, ainda que não sejam iguais quanto ao peso e ao número. É preciso procurar influir estes setores, mesmo que no caso destes países não seja um objetivo ganhar os democrata cristãos de esquerda, já que não têm grande peso social. Na Grécia também existe uma camada religiosa grande na população, não porque sejam praticantes da religião, mas porque vêm de uma etapa de degradação econômica profunda, de au-

sência de vida social e de meios culturais; a religião então, surge em resposta a essa situação. Mesmo assim, estes setores se intrometem e participam ativamente das lutas sociais.

É necessário chamar aos partidos comunistas, socialistas, aos movimentos de esquerda, aos intelectuais e científicos para que estimulem a intervenção das pessoas. Não dizer apenas que o materialismo dialético explica tudo ou que a religião não serve, mas impulsionar a intervenção das massas em todos os problemas. Ao intervir, irão rompendo o obstáculo do desconhecimento, a limitação e a timidez. A timidez social existe como uma resposta direta ao desconhecimento dos problemas que existem: as pessoas não sabem e por isto são tímidas.

Nos povos que estão em pleno avanço, com a forma de Estado operário, a timidez se acabou. A União Soviética não é nada tímida, Hitler comprovou bem isto. Pensou que era uma questão de dar uma patada e derrubar a União Soviética, e acabaram derrubando Hitler e o sistema capitalista.

É por isto que nós impulsionamos a frente única, seguros de que com a experiência viva a massa religiosa aumentará sua compreensão. Por outro lado, é preciso saber diferenciar entre os dirigentes religiosos e a massa religiosa, mais ainda, compreendendo que muitos intelectuais e dirigentes religiosos são ganhos para o campo da revolução. Mantém as suas crenças religiosas em geral, mas não se trata de condená-los ou combatê-los, mas de acompanhá-los no processo de amadurecimento que irá levá-los a adquirir a convicção. Sobretudo, estimulando sua intervenção na direção da sociedade.

A prova de toda esta situação na massa religiosa católica, é a atitude do Papa. Por trás do teatro que ele faz, está expressando: "Com o velho negócio, não andamos mais". Deve encarar os problemas sociais tais como são. Foi ele quem foi à América Latina e à África, não foram a América Latina e a África que foram até o Vaticano; e ele foi com a linguagem da América Latina e da África. Ele foi falar dos problemas destes lugares e foi condenar - ainda que de forma muito geral - a violência, a usurpação, as más condições de vida das pessoas. E não se animou nem teve forças para disputar com os Estados operários.

O Papa, nas suas viagens, não pôde propor que se respeitasse a propriedade privada e o capitalismo; teve que falar que era necessário desenvolver o país. E as defesas da propriedade privada que chegou a fazer foram muito gerais, parciais. Não pôde ir, em nome da Igreja, e dizer: "A Igreja, representando Deus, afirma que a propriedade privada é o meio para desenvolver a economia, a sociedade e as relações sociais". Se diz isso, ninguém o escuta. Foi à Polônia e não encontrou ninguém que disesse: "Queremos mudar a Polônia". Foi ao México, e

quando saudou "a felicidade dos pobres camponeses", as pessoas o mandaram à merda e o encheram de vaias; no dia seguinte teve que dizer que não, "que não eram tão felizes". No Brasil, teve que dar razão aos sindicalistas e à Igreja local, que era e é o centro que protege as greves e os dirigentes sindicais.

Esta é a etapa em que a religião já não influencia as pessoas, são as pessoas que influenciam a religião, obrigando-a a usar como linguagem necessária a do apoio aos operários, às greves. É uma condição que é preciso ter em conta na tática para as massas religiosas, dirigindo-se a elas para estimular a sua intervenção. Têm que intervir planificando e dirigindo, tendo em conta que se equivocarão, mas também que irão aprender, de toda maneira. Os dirigentes burocráticos não se equivocam; levam uma política burocrática, de aparato, que, em última instância, afasta a intervenção das pessoas, desenvolvendo a vida de aparato, que então permite a presença da influência constante da administração capitalista.

A população irá equivocar-se porque ainda não sabe; é analfabeta para ler e escrever, mas não para resolver os problemas sociais; têm sentimento de justiça, capacidade e experiência de organização que os burocratas dirigentes não têm, porque a população pensa e age com a forma lógica de igualdade e de trabalhar e produzir para que todos tenham; e para isto, todos têm o interesse de participar. Por sua vez, o burocrata não, este tem a regulamentação do poder, da direção, da distribuição, do aparato, e dessa forma permite a manutenção das formas de usurpação capitalista.

Não há diferenças dentro do movimento operário mundial, mesmo nos países atrasados, por motivos de religião. Há conflitos religiosos nas camadas dirigentes da África, mas se dão nos lugares onde estas camadas dirigentes utilizam a organização da seita religiosa - como era Idi Amin, de Uganda - para dominar as pessoas.

A superação do sentimento religioso reside na experiência dos Estados operários

Para organizar a forma de intervir com o movimento religioso, é preciso basear-se na experiência que já existe na América Latina, Ásia e África. E uma conclusão desta experiência é que a religião já não existe como peso social: existe e é uma dificuldade política ou social porque não há direção. A base do progresso das pessoas que mantêm sentimentos religiosos é que aprendem do mundo e aprendem que os países mais atrasados da América Latina, África e Ásia se desenvolvem através da forma planificada da produção. Aí termina o "mistério" da

economia e da produção, eliminando-se, desta maneira uma das bases essenciais pela qual a religião se mantém: como se dirige um país? Como e quem dirige a economia? Com a experiência que a população faz vê que isto é uma coisa simples.

O outro aspecto são os "mistérios" do céu e da natureza, que as pessoas estão vendo que se explicam cientificamente. Outra questão é "o poder é de quem manda", e então aparece Nicarágua, que não mandava em ninguém e agora está "mandando". Vendo isto, as pessoas superam todos os sentimentos de dependência social e de mistério frente a economia e, em consequência, elevam a consciência de não deixar-se submeter a uma autoridade externa a sua própria capacidade e experiência social.

É preciso ter em conta estas considerações sobre os movimentos religiosos, nos países e lugares onde se possa ganhar e atrair estas camadas para que intervenham, como os católicos, por exemplo. Estes, sem abandonar totalmente suas crenças ou sua consciência religiosa, socialmente vêem a necessidade do socialismo. Esta é uma expressão da relação mundial de forças, na qual o Estado operário influi no mundo com a sua existência.

Na União Soviética, a Igreja Ortodoxa é a que tem mais adeptos (cerca de 18 por cento da população). Há aproximadamente 25 milhões de muçulmanos, mas há mais 7 religiões, e o Estado operário avança, avança, avança...E as massas do mundo vêem que estes religiosos não saem da União Soviética por nada.

Os princípios científicos para superar o sentimento religioso, já estão comprovados pelos Estados operários. A religião já não é um problema, nem uma preocupação para programar. Há países em que o sentimento religioso tem importância, fundamentalmente aqueles onde há muito atraso econômico e dispersão social pelo atraso econômico. Aí a crença religiosa se mantém, mas é fácil e rápido superá-la.

É necessário considerar as particularidades do problema da religião, que não são iguais em todas as partes. Há países onde a religião tem grande importância, como no Irã, que está dirigido politicamente pelos religiosos. Mas, por sua vez, se esta direção dos aiatolás ultrapassa certos limites, vai encontrar a resistência da população. Todos os últimos ataques de Komeini são contra os ianques e não contra os soviéticos e isto não é produto de uma tática dos religiosos e sim de uma necessidade. Komeini faz muito poucos ataques contra a União Soviética, e muitos deles são inventados pela imprensa capitalista. Mas os que faz, são para conter a autoridade da União Soviética sobre o povo iraniano; busca equilibrar para não depender dos soviéticos.

A relação mundial de forças faz com que o imperialismo não possa

sequer suportar um Irã democrático; porque um Irã democrático produz um Paquistão democrático, um Bangla Desh democrático e Turquia, Iraque e Índia também. Para o capitalismo mundial o problema não é simplesmente o Irã, e sim toda esta zona que ainda é base de apoio sua, apesar de que já é pouco o apoio que dão. Por sua vez, a camada de intelectuais que impulsiona o desenvolvimento do Irã, deve responder à compreensão cultural que a URSS dá, mostrando que para o Irã progredir, tem que desenvolver-se rumo ao Estado operário.

No Irã, para responder aos problemas que se colocam, a religião não tem muita escolha, tem que resolver as coisas simples para as pessoas. Não é o véu o que determina a conduta das massas e sim a sua compreensão; o véu e todos os elementos da religião são circunstanciais. A força de Komeini é a vontade das massas iranianas de avançar, para avançar, têm que se basear nas transformações sociais e econômicas, eliminando o mais importante da propriedade privada. O capitalismo não pode permitir tal processo. Se os ianques pudessem permitir mudanças históricas e econômicas, o fariam, para poder manter a autoridade; mas quando buscam todas as formas para impedir o processo de mudanças no Irã, como estão fazendo, é porque isto significa, para os ianques, uma cadeia que chega até o próprio Estados Unidos. Isto é a relação mundial de forças.

A relação mundial de forças significa que são os Estados operários os que influem as massas do Irã. Num curto espaço de tempo estas atingiram uma educação e conduta política elevadíssimas.

A crise atual no Irã, com a liquidação de ministros, é contra uma camada que é acusada de ser aliada do imperialismo e do capitalismo. O que a religião tem a ver com isto? Os preceitos do Corão não têm nada a ver com este processo, e, se se opõem, enfrentam-se com a maturidade da população, que pega o Corão e vai atualizando-o. E, entre outras coisas, logo vão impor que se tire o véu. A conduta da mulher não está determinada pelo véu e sim pela cabeça que está por cima do véu, ainda que este a cubra. As pessoas estão aprendendo isto.

O que Komeini busca fazer é combinar certo desenvolvimento contra a grande propriedade privada, com o conceito muçulmano que não responde às necessidades de progresso da revolução iraniana, porque são idéias e conceitos contra a propriedade, contra a prepotência, contra a injustiça, mas acompanhadas com propostas de forma de vida que fazem retroceder, recompondo as formas anteriores de opressão humana. Elimina uma parte da opressão, mas tenta manter o submetimento da mulher, dos seres, em última instância à casta dirigente.

A necessidade social mundial eleva a função da população e não da religião, porque esta não responde aos problemas da vida. Os preceitos

muçulmanos contidos no Corão são aplicáveis limitadamente, em alguns aspectos, mas há uma série enorme de problemas que não estão em nenhum Corão e em nenhuma Bíblia, como é o caso da revolução russa, a revolução chinesa, a revolução cubana, a revolução nicaraguense. Não há nenhuma Bíblia ou Corão que diga algo sobre isto, e no entanto as pessoas vêem e guiam-se por estas experiências que significam progresso social.

Este comportamento social das massas religiosas mostra a debilidade imensa do capitalismo e a relação de forças mundiais favoráveis ao progresso, determinadas pela existência da União Soviética; não pela política da URSS mas pela sua existência e progresso. Apesar da política limitada de parte dos soviéticos, é o capitalismo que duvida e hesita. A hesitação vem do temor de agir de forma inoportuna: "faço ou não faço?". Não é tanto uma dúvida, já que esta tem uma margem mais segura de equilíbrio. Mas a hesitação vem quando é preciso tomar uma decisão e não existe mais margem. E no Irã o imperialismo procurou intervir e foi expulso a pontapés. E não foi Maomé quem o expulsou a pontapés mas a população. A população sentiu que foi ela que expulsou o imperialismo, e estão fuzilando todos os chefes militares que, em nome de Maomé e de Alá, fizeram aliança com os ianques.

A população está aprendendo a raciocinar, e expressa a conduta religiosa através de sua conduta social, política e militar. Estas conclusões devem ser tomadas como princípios para intervir e desenvolver a luta política.

J.POSADAS

NOTA

1-Refere-se às experiências feitas pelo Dr. Igor Tjarkowky, desde 1977, de nascimento de crianças sob a água, na URSS. Este médico também educa recém nascidos na natação, em aulas onde os golfinhos os acompanham. Sobre a gestação no espaço o professor Kaminsky (segundo entrevista à "Bild", de Hamburgo-RFA e ao "Corriere della Sera", de Itália, de 3 de agosto de 1978), afirmou que, uma vez que V. Tereshkova teve um filho normal, depois do seu vôo espacial, estariam projetando de lançar um casal ao espaço para gestar e ter um filho, assistidos por médicos que os acompanhariam.

O CONGRESSO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA E A MUDANÇA NO PENSAMENTO DOS SETORES RELIGIOSOS

11 de março de 1980

Esta resolução (1) dos teólogos e bispos expressa e denota a influência na Igreja da luta de classes em escala mundial, e da relação de forças.

Não se trata apenas de que os teólogos se sentem influenciados mas também de que a relação de forças faz com que vejam que do lado do capitalismo está a morte. Já existe um setor que percebeu que o capitalismo é a morte, e que diz: "Os comunistas, pelo menos, nos deixarão viver"; esse é o pensamento geral. Não se trata de uma atitude utilitária para viver, e sim de uma mudança na mente deles, onde os preceitos teológicos já não valem. Eles vêem que o problema se resolve socialmente, e não teologicamente. Isso é o que coloca o artigo: "O LEVANTE DAS MASSAS E O PROGRESSO DO IRÃ" (J.Posadas, 5 de novembro de 1978), "as massas continuam acreditando em Maomé, mas resolvem socialmente".

Esta forma de se expressar não é contraditória, é o progresso do religioso, que vai assumindo a consciência social; e virá a etapa na qual não rechaçará a Deus, mas vai por o Deus seguindo a ele, religioso. Seja o Deus católico, Maomé, ou o Deus dos judeus, inclusive. No caso dos judeus, já se torna mais difícil porque não há muita massa, e porque quase todos os judeus estão metidos na luta de classes nos seus próprios países; além disto, já é uma camada mais seleta.

Mas, com respeito aos muçulmanos e à religião católica, trata-se de uma expressão muito profunda da relação de forças mundiais, onde os religiosos sentem esta influência constantemente.

A resolução deste Congresso e dos bispos, assenta princípios que estão contra a propriedade privada; pelo menos no campo. O que indica que a clientela da Igreja, que é camponesa, a está abandonando.

Há uma mudança na compreensão do mundo por parte da maioria dos sacerdotes, em todos os níveis e religiões. Trata-se de uma mudança na compreensão do mundo, e não de uma atitude utilitária. É uma

mudança que vai contra a propriedade privada. Isto não é uma novidade, há muito tempo que isto ocorre, mas este acontecimento é uma conclusão muito forte. Mesmo a atitude do Papa não é plenamente reacionária. Ele vê que está metido num mundo que tem que mudar. É um índice muito elevado da relação mundial de forças, que pesa sobre a Igreja. É preciso ter isso muito presente para a América Latina e África.

O sentido geral histórico desta resolução é a influência do curso do progresso e ascenso social da vida, determinado pelos Estados operários; e, entre eles, quem mais determina é a URSS. Este ascenso põe em evidência as relações entre a sociedade, os seres humanos, a Terra, a natureza e o universo. E vai desenvolvendo raciocínio, inteligência em tudo.

As relações de forças materiais, das quais faz parte o Exército soviético, têm uma influência enorme; mas as relações de forças sociais são mais importantes que as militares. Estes setores religiosos vêem que em países como a URSS e a Polônia, que têm grande tradição religiosa, a população defende o Estado operário. Isto faz com que tenham uma dúvida constante, e não é uma imposição que proíbe que eles pensem, não, ninguém os proíbe de pensar, nem de raciocinar.

A relação de forças é a cultura, as condições de vida. Povos que não têm nada, do ponto de vista material, se levantam e fazem a revolução. Isso é parte da relação de forças. Não se pode considerar somente o aspecto militar, mas também este, o da relação de forças mundiais. Isto incide sobre a Igreja, e pode ter influência porque este instrumento não intervém diretamente no processo de produção, da economia. O que a Igreja tem é um funcionamento paralelo ao capitalismo; então, parte desta estrutura recebe a influência. Os setores do aparato, não; estão imunizados. Apesar de que também há exemplos na história de que a imunização não priva do contágio e da infecção. As altas cúpulas da Igreja não são influídas, porque já têm o pensamento estruturado. Mas, em compensação, as camadas baixas da Igreja, os setores que estão relacionados com a população e em contato com ela, e que vêem o processo revolucionário, esses sim, são influídos.

Por outro lado, se reduz cada vez mais o aparato aristocrático que vai à Igreja, e o setor normal da população, mesmo sendo católico, quer mudanças. E a Igreja vê isso. Antes, tinham cinco ou dez mil postulantes para seguir a carreira de sacerdote; agora não têm nem trezentos. Tiveram que fazer concessões e aceitar mudanças. Uma delas, que as freiras sejam mais mulheres que freiras; e os padres mais homens que padres. A contestação que há dentro da Igreja para poder casar-se, ter filhos, deixar de usar hábitos, é enorme. Estas são reivindi-

cações que uma camada da Igreja norte-americana pediu. Tudo isto põe em questão a estrutura, a domesticação que a Igreja faz; e é produto da influência mundial.

A influência do processo social da revolução faz com que o católico resolva socialmente, sem deixar de ser católico. Mas, na escolha entre o comportamento cristão e o social, é o comportamento social que atrai Cristo para ser social. É a influência mundial da relação de forças, que não são militares, mas sociais. E uma expressão disto é o fato de que países como Nicarágua se libertam e tomam medidas socialistas para avançar. Isto tem influência na Igreja, não nas altas camadas, mas nas demais, sim. Tudo isto retarda, debilita e desconcerta, obstrui a política de concentração do sistema capitalista.

É importante que esta reunião tenha sido realizada no Brasil, porque aí a Igreja é uma instituição mas também tem uma tradição de intervenção a favor da população. Os teólogos que tiraram esta declaração não representam uma farsa, nem uma comédia; cumprem uma função que sentem necessária. É preciso considerar que este Congresso de Teólogos é realizado em nome da camada que dirige o pensamento da Igreja; e está mostrando como recebe a influência. Não falam do proletariado, mas mostram que o sistema capitalista é o responsável; não o Estado operário. A Igreja já não pode realizar novas "Cruzadas" porque eles é que acabariam todos cruzados. Esta resolução que tiraram é muito importante e mostra também porque Franco não pôde esperar da Igreja. Tentou agarrar-se na Igreja e esta lhe disse: "E quem é que me salva?".

O raciocínio destes teólogos é o da lógica social. É como no Irã: "As massas pensam no Corão mas resolvem socialmente". É uma estupidez pensar que a mente se prende a Maomé. As massas estão influídas pela revolução, e o próprio Komeini também. Eles não têm a capacidade de raciocinar dialeticamente, mas numa série de aspectos estão melhor situados que alguns partidos comunistas que crêem que o que se está fazendo no Irã é por razões de vingança ou por atraso, quando estão aplicando medidas de expropriação aos capitalistas.

A relação de forças mundiais tem um efeito tão profundo de influência que equivale ao triunfo de várias revoluções em países pequenos. Debilita a estrutura da Igreja e estimula os seminaristas jovens, que são influidos por este processo.

As mudanças são todas favoráveis ao progresso social, partam de onde partam, do campo religioso, militar ou social.

J.POSADAS

NOTA

1-Trata-se de uma resolução tirada pelo Congresso Internacional de Teologia, realizado em março de 1980 em São Paulo, cujos extratos saíram publicados no jornal "L'Unitá"(órgão do Partido Comunista Italiano).

A DISCUSSÃO NA IGREJA E A DESINTEGRAÇÃO CAPITALISTA

18 de janeiro de 1980

A atual discussão na Igreja acentuou-se depois da atitude dos católicos holandeses, que enfrentaram e derrotaram o Papa. Eles não puderam ganhar porque não têm base para ganhar, mas teórica e intelectualmente, desarmaram o Papa. O Papa impôs o veto. Isto é, como o Papa é quem tem o poder, diz: "Não se discute, acabou". Como faz Deus, acaba... e, depois de cinco séculos, a propósito de Galileu dizem: "Ele tinha razão".

Ao mesmo tempo, estão discutindo sobre o amor, e a Igreja, o Papa, em princípio aceita a relação sexual numa certa medida, como parte do amor (em geral a Igreja considera a relação sexual somente como ato para a procriação - Nota dos Editores -). É uma discussão vazia, sem nenhum sentido cultural e científico, e hipócrita, uma vez que agora devem admitir a relação sexual no amor, mas os pintores católicos, desde o século X até hoje, expressavam isto nos seus quadros. Quando na Igreja se discute a reabilitação de Galileu, o reconhecimento da função social e de admitir o pluralismo teológico no seu seio - posições, estas, assumidas por gente muito importante, sustentadores da Igreja - isto demonstra como está desintegrando-se toda a sua base de apoio, que era o mutismo, a falta de pensamentos, análises, de observação da história. E isto mostra o que vai acontecer dentro de pouco tempo com os muçulmanos.

O progresso da vida é a ciência, a cultura e a arte. A arte, em menor grau, porque hoje não existem grandes criações artísticas, mas a arte forma parte da criação humana. A arte expressa o não submetimento do ser humano à vida animal ou à vida burguesa, que é pior que a animal; é uma capacidade de criação. E este progresso desintegra a estrutura monolítica que, em sua época, era o sistema capitalista. Mas a destruição desta estrutura foi prevista com a aparição do Manifesto Comunista, e com a criação do Estado operário,começou a destruição.

Esta discussão na Igreja faz parte de uma luta interna na qual setores

muito importantes não serão esmagados, nem separados, nem irão para o ostracismo, ao contrário, irão militar. Porque toda esta discussão é de gente que quer militar. Gente que diz: "Bem, nós acreditamos em Deus, continuamos acreditando em Deus, mas agora é preciso fazer coisas sobre as quais Deus não fala". E, então, buscam uma integração concilidadora entre o mandamento da religião e os mandamentos da atividade que surgem da vida prática. É o que nós dizemos sobre os muçulmanos: entre Maomé e a vida e a sociedade, é o comportamento social que determina a conduta das massas muçulmanas.

No Irã o comportamento das massas não está determinado pelo pequeno grupo que reprime. Este reprime, e mais nada. Mas entre o avanço da revolução e o da repressão, é a repressão que cede e a revolução que avança. Este processo não tem, necessariamente, que expressar-se de forma direta, imediata e primária na economia ou na relação sindical e política. Portanto, a superação do submetimento religioso, pela vida teórica, política, filosófica, artística e cultural, se expressa socialmente, o que indica que as massas vêem a religião como uma parte da sua atividade na vida, que ainda não conhecem e que estão aprendendo. Aquilo que aprendem na vida social com a revolução, depois transportam para a forma de conceber a religião.

E a Igreja tem que ceder, como o Papa cedeu na Polônia - lembrem-se da importância que nós demos à ida do Papa à Polônia ("A visita do Papa a Polônia, a Igreja e o socialismo", J.Posadas, 14 de junho de 1979 - Nota dos Editores -) - ou como cedeu no México, pois disse: "Que brilhante", e os 180 mil camponeses que estavam morrendo de fome o vaiaram, e, no dia seguinte, corrigiu-se. Tudo isto significa que não é a Igreja a que determina o comportamento nem mesmo o espiritual das populações católicas; é a preocupação, a influência e a necessidade social a que determina no processo atual este comportamento.

Isto é muito importante para a Argélia e para todos os países muçulmanos. E o país de origem muçulmana mais desenvolvido socialmente, que é Argélia, influencia sobre o resto. A Argélia, economicamente é pequena; tem grandes bases, mas não há desenvolvimento. A Arábia Saudita é potente economicamente, também não está desenvolvida, mas tem o petróleo que é uma base essencial; vem a ser como a moeda, é uma forma da moeda para conseguir o ouro dos capitalistas, por isto dizem que é o ouro negro. Bem, a Arábia Saudita não tem nenhuma influência no mundo, nada, em absoluto. Se fala um sujeito da Arábia Saudita, dizem: "Quem é este idiota?". Mas se fala um dirigente argelino,dizem:"Ah,este é da Argélia!".A importância da Argélia não é devido a Maomé, e sim pelo desenvolvimento social da Argélia.

Com os católicos acontece a mesma coisa. Há discos com cantos do

Papa. Quando o Papa tem que fazer esta atividade é porque está procurando pôr-se ao nível do desenvolvimento social e cultural da massa católica. Não é um novo artifício para enganar. A finalidade deles é de enganar, fazendo crer que estão de acordo com o progresso. A finalidade deles é esta, mas as pessoas vêem que o Papa se adapta. Vêem que não são eles que vão fazer todas as palhaçadas que o Papa faz, todas estas atitudes de palhaço que ele tem; é a Igreja que tem que ir aonde as pessoas estão. E isto educa as pessoas. Faz com que se sintam fortes: "Eh, eu tenho razão". O católico não raciocina assim, mas age com o sentimento inconsciente de que ele tem razão. Não é o Papa, é ele que tem razão.

Quando o Papa pega o violão e canta as músicas que o povo canta, é porque quer se aproximar deles. Quando o Papa reabilita Galileu, está pondo em questão a infalibilidade do próprio Papa, da Igreja e da teologia.

Por outro lado, para os muçulmanos, a base religiosa é muito mais aberta para por-se em contacto com a arte, a cultura, a ciência e a sociedade. Não porque seja uma religião melhor. Mas sim porque não depende da estrutura capitalista, não é a base da estrutura do sistema capitalista. É a religião católica a base do sistema capitalista. E a religião muçulmana não pode entrar em competição com a Igreja católica para assumir o posto desta, substituí-la e incluir-se ela como dominadora. E os hebreus também não.

É a desintegração do sistema capitalista que leva o Papa a ter esta atitude, ou os Papas. Na Polônia, o Papa poderia ter feito sermões de crítica ao Estado operário, mas ele não fez nenhuma crítica ao Estado operário. E, quando foi à Lituânia, foi muito pouca gente à sua missa, muito pouca gente da Lituânia. E, entre as coisas que os chefes religiosos disseram aos jornalistas, foi que não havia liberdade na Lituânia para os católicos, por isto não podiam ir, porque não há costume. E o governo lituano respondeu que há toda a liberdade que quizerem, se não existem católicos é porque ninguém tem necessidade do catolicismo. E agregou que antes de ser um Estado operário, as pessoas morriam de frio na Lituânia. Agora a população não sente a necessidade da Igreja. Há um só padre, e cem sujeitos que vão a uma Igreja què existe. E perguntaram ao padre desta Igreja se o governo o proibia de abrir outra. E o padre respondeu que poderia abrí-la, mas para quê iria abrí-la se os cem fiéis cabem na que já existe? E o próprio padre falava com linguagem resignada, que o Estado operário é melhor do que aquilo que ele oferece.

Para a direção revolucionária na Argélia é fundamental ver o debilitamento do sentimento religioso e um aumento muito grande e dinâ-

mico da preocupação e da determinação social da massa católica. Na massa católica, é preciso fazer uma distinção entre o povo, os que trabalham, a pequeno burguesia pobre e média, os camponeses pobres e médios, os católicos desta categoria, com a pequeno burguesia acomodada e a grande burguesia. Toda a massa que vive do trabalho, a pequeno burguesia pobre e média, é atraída pelos efeitos sociais. A grande pequeno burguesia, que vive na aspiração de ser burguês, sente a necessidade de Cristo como proteção, e, nos países muçulmanos, sente a necessidade de Alá.

A conclusão destes acontecimentos no Irã é que é necessário desenvolver a capacidade e a qualidade para explicar, dar programa, política, pontos do programa que aproximem a massa muçulmana à convicção de que, sem deixar Maomé, devem adoptar as conclusões sociais para o progresso. Não é um problema apenas de propaganda. Existem dificuldades econômicas e sociais em cada país. Então é preciso partir do grau, do nível, do tipo de limitações sociais e econômicas para intervir, entre outros centros, nas escolas.

As escolas devem ter como base de atividade, de ensino, tudo o que eleve a segurança daquele que estuda em si mesmo. Ao ganhar segurança, resolve todos os problemas, e, mesmo sem se propor a isto, deixa de sentir a necessidade de Maomé. A religião existe quando há insegurança. Portanto, é necessário desenvolver programas de atividades, mesmo os mais simples. Criar, buscar criar os mais simples e estimular que as pessoas criem programas, que façam criações de programa, mesmo que sejam de pintura, de literatura, de textos, contos, narrações, representações teatrais. Que sejam feitos, mesmo que não atinjam o nível artístico. Por exemplo, fazer pequenas ou grandes obras de teatro, nas quais se possa desenvolver uma série de conhecimentos que as pessoas, na prática, aprendem rapidamente. Uma obra de teatro ensina uma quantidade de conhecimentos e dá a segurança que a escola não dá. Não porque a obra de teatro seja superior à escola, mas porque as pessoas vêem a vida desenvolvendo-se na obra de teatro. Na escola, os ensinamentos chegam através da mente e mais nada. Enquanto que no teatro se aprende pela experiência da vida, de todos os dias, e se vê o movimento representado, o gesto, o lugar, o teatro, o cenário, as pessoas e tudo isto dá a sensação da vida. Não é como a aula, que separa quem estuda do resto.

J.POSADAS

A VIAGEM DO PAPA À POLÔNIA, A IGREJA E O SOCIALISMO

14 de junho de 1979

O que transcende, da viagem do Papa, é o fato de que ele vai a um Estado operário e reconhece a existência, o valor e a importância histórica do Estado operário. Todas as concessões que a burocracia do Estado operário polonês faz são inferiores ao significado histórico que representa o fato do Papa ir a um Estado operário, e não atacá-lo, nem fazer nenhuma comparação pejorativa contra ele; além do que ninguém que foi vê-lo fez qualquer protesto contra o Estado operário polonês, contra a URSS.

O Papa não pôde fazer nenhuma declaração contra o Estado operário. A defesa que fêz foi dos direitos da religião; e todas as colocações feitas são, em última instância, desfavoráveis ao sistema capitalista. Por sua vez, não pôde fazer nenhum ataque contra o Estado operário, como se aí se vivesse mal, como se fosse pior que antes, ou existisse um retrocesso cultural, social, científico; não pôde dizer nada, em absoluto. O Papa foi falar em nome da religião; social e economicamente e no que se refere às relações humanas, não tinha base para fazer nenhum ataque ao Estado operário. E a massa que esteve aí, percebeu isso. Mesmo com a ascendência católica, dos milhares que o escutaram, ninguém se levantou contra o Estado operário, ninguém aproveitou para defender os dissidentes, ninguém se levantou para atacar, dizendo: "Estão nos oprimindo, não podemos viver, não podemos pensar".

Todos esses sem-vergonhas e imbecis dissidentes receberam a resposta das massas polonesas. Numa ocasião das mais completas para manifestar o seu descontentamento, sua desaprovação, não disseram uma palavra. As massas do Estado operário polonês vivem no Estado operário polonês. A perspectiva, o desenvolvimento, a transcendência, o processo de desenvolvimento da história não é o catolicismo, é o Estado operário; são as relaões sociais, econômicas, culturais, científicas de aprofundamento das relações humanas que só podem ser feitas por um regime que aboliu a propriedade privada. E a perspectiva que existe não é da religião, é do socialismo.

O Papa não foi com a finalidade de implantar uma luta na qual a Igreja derrotará o Estado operário. Porque as perspectivas são sociais e econômicas, não são religiosas; e sim econômicas e sociais. A população polonesa escutou o Papa e se guia pelas conclusões econômicas e sociais da Polônia; o atraso feudal da Polônia foi superado por um desenvolvimento econômico-social imenso. Por isso ninguém se queixou contra o Estado operário.

Todos estes que esperavam que se repetisse a greve dos operários para se aproveitar, ou que esperavam que iriam se aproveitar, se enganaram. Os operários poderiam haver se aproveitado, se estivessem contra o Estado operário, e isso não ocorreu. A queixa nas greves era política, contra a direção política, e mais nada. Mas, em defesa do Estado operário. Demonstrou-se como o Estado operário educa, eleva e ascende a consciência social, humana na defesa de um desenvolvimento histórico social que não tem comparação, e é imensamente superior a umas tantas missas e celebrações religiosas que se possam fazer. Aí se mostra a superioridade do Estado operário.

A perspectiva não está para a religião, no Estado operário; é a religião que vai se adaptar ao Estado operário. Não foi o Estado operário que se adaptou a religião. Essas são as conclusões da viagem do Papa.

Por sua vez, isso demonstra que nenhum dissidente tem autoridade, nem capacidade, nem representa nada a não ser a sua desavença pessoal, o seu protesto individual contra o processo coletivo. Foram milhões, e ninguém levantou a voz contra o Estado operário, ninguém disse: "Defendo os dissidentes que não podem falar". Pelo contrário, ninguém atacou o Estado operário e nem o Papa também teve ânimo para atacá-lo. Teve atitudes de conciliação com o Estado operário. As conciliações da burocracia do Estado operário com a religião são infinitamente inferiores à conciliação que o Papa teve que fazer com o Estado operário, porque ele teve que adaptar-se ao desenvolvimento das massas católicas que defendem o Estado operário. Estas não atingiram ainda o nível da compreensão consciente sobre a religião e o Estado operário; ainda não existe uma política necessária para o seu desenvolvimento porque a direção do Estado operário não a leva, mas ela já adquiriu a compreensão da superioridade do Estado operário.

Ao mesmo tempo, isso não é um problema de religião e Estado operário. É, na realidade, uma adaptação da Igreja a ele. Não foi o Estado operário que fez concessões e se submeteu ao Papa; o programa econômico, o programa social, o desenvolvimento social e o apoio às lutas revolucionárias das massas do mundo prosseguem. E foi a Igreja quem buscou apoio aí; procura garantir um porvir, o que demonstra, também, a crise da Igreja. Porque isso debilita seus laços com o capitalismo. Mesmo as declarações do Papa, quando disse: "A Igreja não é imperialista"; isso não é uma crítica ao Estado operário, é uma crítica ao

sistema capitalista. Demonstra a enorme autoridade do Estado operário e a crise da Igreja, que vê o sistema capitalista débil e o Estado operário em ascenso. Por sua vez, demonstra a pressão das massas católicas sobre a Igreja no sentido de que elas se somam à defesa do Estado operário.

Essa é uma experiência muito rica para os partidos comunistas, mesmo o da Itália, país onde existe uma grande massa católica. A massa católica não acredita em Deus, e se mantém católica; acredita no desenvolvimento social, como na Polônia. Não se guia pelos preceitos religiosos para o seu comportamento social, se guia pelas experiências sociais de progresso que o Estado operário faz. Se continua ainda mantendo a crença religiosa, é porque falta o desenvolvimento de uma política necessária para educar toda essa massa e ganhá-la. E também porque não teve o tempo histórico necessário. Mas já está rompido o enfrentamento entre o pensamento católico e o Estado operário: essa massa é católica e defende o Estado operário. Então, deve-se tirar essa conclusão: é a Igreja que procura se acomodar ao Estado operário.

Isso demonstra, ao mesmo tempo, a crise da Igreja, que sente que o sistema capitalista já não garante a sua estabilidade, por isso tem que se voltar para os Estados operários.

A política da burocracia com relação à Igreja não é correta. Mesmo considerando que existe uma imensa massa de católicos, mas é ínfima. Com excessão da Polônia, da Itália e em parte da Espanha, a imensa maioria das massas não é católica. Toma-se o exemplo da Lituânia, como se fosse um lugar onde não se pode falar, onde não se pode rezar a missa, em que existem poucas Igrejas, poucos padres; mas é assim porque faltam padres. A crise da Igreja é tamanha que já não existem mais estudantes de religião, para se tornarem sacristãos ou padres.

O Estado operário, ao contrário, tem milhares e milhares que se incorporam como dirigentes operários. E a Lituânia, onde dizem que a Igreja católica não tem facilidades, é um país que saiu do atraso mais brutal, e este atraso foi eliminado pelo Estado operário lituano e pela URSS; e as massas lituanas se guiam por isso. Não há padres, faltam padres para rezar missas, mas há centenas de dirigentes que ensinam à população o desenvolvimento social, científico, cultural, histórico, que conduz ao socialismo.

A massa católica polonesa se desenvolve entre o pensamento de crença religiosa e a prática dialética materialista que vive e vê; e vê que o desenvolvimento da sua vida, o progresso da Polônia, o progresso da existência, das relações humanas, da economia, da sociedade, da ciência, da cultura, se dão de forma materialista. Isso desenvolve a

sua forma de pensar materialista, não metafísica. Então desenvolve a confiança no método de pensar e de determinar. O porvir é dessa perspectiva socialista, não é da religião. De forma que a contradição entre o pensamento religioso e o socialismo não é antagônica, porque a massa acredita nas duas coisas enquanto vai desenvolvendo a sua confiança no método dialético de pensar. Não é o caso de pegar e abjurar como quem se livra do veneno, mas ver como é feito o progresso social, político, científico das massas do mundo, inclusive das massas polonesas, que têm que pensar dialéticamente, e vê que todo o progresso que se fêz na Polônia foi um progresso materialista, que vai se desenvolvendo de forma dialética, que as massas constroem e desenvolvem através dessa forma materialista de progresso social, de elevação dos sentimentos humanos, que se dá eliminando a propriedade privada. Esse sentimento é a antítese da religião. A religião submete o ser humano ao pensamento místico. No Estado operário, pelo contrário, é através do pensamento dialético que ele faz tudo. E mesmo que as massas católicas não aceitem o materialismo dialético como fórmula ou denominação, praticam-no, o que vai lhes dando confiança de que elas resolvem tudo na Terra, e com os métodos científicos, didáticos da Terra.

Na Polônia existem 34 milhões de habitantes. Segundo os cálculos interessados da imprensa, foram 1 milhão na despedida do Papa. Ou seja, é uma proporção ínfima da população de um país que antes era eminentemente católico, o que quer dizer que a porcentagem do catolicismo caiu enormemente, porque os católicos foram ganhos pelo pensamento materialista do Estado operário. Este mostra que tudo se faz com base na razão, na previsão, na organização e na participação da população.

Deve-se considerar que o capitalismo, particularmente a Igreja, investiu dezenas de milhões para apoiar, para sustentar e custear as viagens de gente que foi à Polônia.

Constata-se um decréscimo da influência religiosa. É o Papa que anda procurando manter o que existe, a religião não venceu, não se estendeu, ao contrário, diminuiu. A população aprendeu que o desenvolvimento social, econômico que a Polônia tem, que é imenso com relação a antes do Estado operário, se deve à participação consciente, de previsão, de análise, de cálculos, de programação, de intervenção da população no desenvolvimento das experiências, que são atividades materiais nas quais a população pode intervir através da inteligência e do método de análise, e isso é o método dialético, o método marxista. Isso é um progresso imenso, não é um progresso da Igreja. A imprensa capitalista mostra: "Vejam; o catolicismo num Estado operá-

rio". Ao contrário, deveria dizer: "Um país que era católico, agora é Estado operário". Parte das raízes enormes do catolicismo, da religião como meio de vida ainda se mantém porque existe a política burocrática, a falta de desenvolvimento democrático socialista suficiente, de desenvolvimento da intervenção dos sindicatos, das células de bairro, das células de empresa, das populações, das células do Partido Comunista Polonês; não se intervém ainda com a população, então isto mantém certa base para a alimentação mística da religião, da concepção religiosa, porque não aparece uma programação consciente e que beneficia a todos. Depois, existe ainda um velho movimento católico que se mantém, por isso a burocracia manteve o Partido Católico, sem nenhuma necessidade, nem objetivo para o progresso. Manteve e essa é uma base de reunião da propriedade privada. Isso é o que ainda mantém a base da religião.

O que se deve destacar e medir é que a Polônia era um país eminentemente religioso e agora é um país eminentemente socialista, de forma que nem o Papa, nem ninguém se atreve a atacar o Estado operário, nem compará-lo com o que a Polônia era antes e com o que é agora o regime capitalista. A Polônia vivia na miséria; agora vive com um progresso e ordem moral, de relações humanas muito elevado, mesmo de parte dos próprios religiosos, que são ganhos pelo socialismo. Por isso, a massa religiosa continua sendo religiosa, continua com as crenças religiosas, mas apoia o socialismo e as medidas que vão ao socialismo.

O Papa teve que dizer que eles não eram imperialistas. Não disse: "Vocês são exploradores", e sim: "Nós não somos imperialistas". Ou seja, qualificam a função do sistema capitalista como imperialista, o que é uma tentativa da Igreja de se aproximar do Estado operário e ao mesmo tempo procurar manter a base de apoio religioso que tem.

As massas, os intelectuais, mesmo os camponeses religiosos e o proletariado religioso, mesmo mantendo as suas crenças religiosas, desenvolvem o pensamento social de forma material, de forma materialista dialética, mas o unem à propriedade privada. A maior parte das religiões têm vínculos com a propriedade privada, um vínculo imenso. Não há um um desenvolvimento no sentido de acreditar na fé religiosa como um meio para construir o mundo. A experiência prática das pessoas é de que o progresso da Polônia se fez com base na planificação, estatização, programação da economia, na intervenção dos sindicatos, do Partido Comunista na economia. Então vêem que há uma direção política com programa e com métodos de análise que permitem o progresso da Polônia. Nisso não há um enfrentamento com os sentimentos religiosos. São setores de proprietários os que mantém o

poder da Igreja, mas não têm influência sobre a população. Ao contrário, diminuem constantemente, particularmente porque os filhos de quase todos os proprietários são comunistas. Já não são religiosos, respeitam as crenças religiosas, inclusive a de seus pais, mas são comunistas.

Não é o caso de perseguir e condenar os católicos, mas de medir o progresso da humanidade, que não se faz através das crenças ou idéias religiosas, mas sim através das idéias, do programa e da concepção socialista da história, que é o que desenvolve a Polônia.

A população polonesa é de 36 milhões de habitantes, ou seja, apenas 0,5 por cento da população foi ver o Papa. Mas o importante a destacar é como a população foi ganha. A grande maioria que era católica foi ganha para o Estado operário; e nenhum dos católicos atacou o Estado operário, nenhum pôde apresentar o Estado operário como opressor, assassino ou colocá-lo em oposição à religião: procuraram conciliar o Estado operário com a religião. O que avança é a influência da concepção socialista da vida frente à concepção religiosa. Não é necessário condenar, impedir ou perseguir os católicos; mas o Estado operário tem que manifestar a sua resolução e mostrar a sua concepção. Os católicos podem manter os seus hábitos, costumes e crenças religiosas; mas isso mostra que o Estado operário tem autoridade moral, material, científica e social, que é o que determina. Por isso a Igreja não se animou a opor a religião ao Estado operário, procurou conciliar, tirar vantagem defendendo maiores direitos, maiores possibilidades para seu desenvolvimento, mas nada mais. Não se opôs a nada. E quando teve que qualificar socialmente a sociedade, apresentou uma qualificação de condenação: "A Igreja não é imperialista"; ou seja estava acusando o imperialismo, e não o Estado operário.

A atividade na viagem do Papa, no seu conjunto, é de procurar relações com os Estados operários a fim de poder permitir a extensão da função da Igreja; ou mantê-la, para sobreviver. Isso indica que a Igreja constata que no regime capitalista há uma diminuição do poder da Igreja sobre as massas. Na medida em que avança a luta das massas; avançam as medidas de progresso socialista e ascende a experiência das massas, estas sentem que os problemas sociais se resolvem com as suas lutas, e explicam o mundo através da concepção materialista da história. Sentem no capitalismo a debilidade de quem perde peso e influência. O Estado operário aumenta e estende a sua força em todo o mundo e todo progresso se dá na forma de Estado operário, ou seja, de estatização da propriedade, planificação da economia, eliminação do interesse individual na grande e média propriedade, no campo e na indústria. A Igreja sente que vai perdendo força, peso e apoio e também

vai perdendo apoio espiritual da população.

A Igreja procura uma forma de conciliar com o Estado operário. A viagem do Papa tem esse sentido. Não vai conciliar com o Estado operário porque considera que é um progresso da história, mas porque tem que admitir a força material do Estado operário; e que é através do Estado operário que se expressa o progresso da humanidade, o progresso espiritual, consciente, mental, intelectual, econômico e, sobretudo, das relações sociais. O Papa foi para isso. Por este motivo não houve nenhum grito contra o Estado operário; não houve nenhuma manifestação de ataque ao Estado operário; não houve nenhum setor que tentou aproveitar para criticar, hostilizar, ou queixar-se do Estado operário. Nem os chamados "dissidentes" puderam fazer alguma coisa.

A massa católica, é católica, mas sente e apoia o Estado operário. Existe um processo de ascenso do sentimento das massas católicas com relação ao Estado operário. É diferente da burguesia e da pequeno burguesia acomodada, que são o principal apoio do sistema capitalista. Estes setores têm interesses sociais, econômicos e a sua forma de pensar religiosa serve para sustentar esses interesses. A massa católica, ao contrário, ainda acredita na necessidade da religião para combiná-la com o progresso social. Mas entre o progresso social e o sentimento religioso é o progresso social que os atrai. O Papa percebe isso e então quer entrar na estrada da história para não ficar de fora. Por isso não fez nenhum ataque sério e profundo ao sistema capitalista; disse que a Igreja não era imperialista, querendo dizer que pode conciliar com o Estado operário. Mas ao mesmo tempo se calou frente aos assassinatos de Somoza na Nicarágua, aos crimes que o imperialismo ianque comete nos Estados Unidos, onde, de 28 milhões de negros, existem 10 a 12 milhões na zona da fome; há um desemprego, uma exploração e uma iniquidade política e social contra os mexicanos que vivem em território norte-americano; disso, ele não falou nada. Ao contrário, fez algumas referências parciais sobre os dissidentes; mas a citação a esse respeito não tem nenhuma importância no Estado operário, porque não serve para contribuir com nada no desenvolvimento da economia, da sociedade e do mundo. Em vez disto, é preciso preocupar-se de condenar Somoza e chamar a conter e a rechaçar a ditadura que impede o desenvolvimento da vida na Nicarágua; assim como impede o desenvolvimento dos negros que têm que viver na miséria nos Estados Unidos.

O Papa tentou explorar esta situação para conciliar com o Estado operário, mostrando que a Igreja não confia na perpetuação do sistema capitalista, e muito menos na guerra que o imperialismo prepara.

Mesmo de forma camuflada, e com todos os acordos que aparenta fazer com o Estado operário, o imperialismo prepara a guerra. A Igreja sente que perderá, que não terá ponto de apoio no futuro do sistema capitalista e procura conciliar enquanto aparato burocrático, como aparato de interesses burocráticos, sociais e econômicos; procura se vincular ao processo da história apoiando-se nos Estados operários.

Por sua vez, a direção dos Estados operários aceita este processo, procurando influenciar sobre a Igreja para que esta influa no sistema capitalista. Não é uma política adequada, mas também não é uma política que esteja contra o interesse do desenvolvimento socialista da humanidade, do desenvolvimento da luta de classes anti-capitalista.

A viagem do Papa na Polônia não é uma simples visita católica para influenciar os católicos da Polônia, mas também uma expressão da insegurança, da falta de confiança da Igreja no porvir do capitalismo Por isso procura se vincular, se sustentar e conciliar com os Estados operários. Por isso nas declarações disse: "A Igreja não é imperialista". A massa católica vive um processo de influência social muito profundo, e é preciso dirigir-se a ela para ganhá-la, influenciá-la, e elevá-la. Já não se trata da luta contra a função da Igreja e contra o catolicismo como na etapa de Lenin; não porque essa luta se elimine, mas porque ela adquire formas mais elevadas e muito mais fáceis e simples porque a massa católica quer o progresso da humanidade. Os intelectuais católicos, os cientistas católicos querem e buscam o progresso da humanidade. O que não há é direção para este processo, e uma política adequada dos Estados operários para ganhá-los e atraí-los.

Deve-se basear no progresso imenso, na autoridade imensa dos Estados operários, dos países socialistas, da luta das massas do mundo, dos fortes e poderosos partidos comunistas para procurar atrair a massa católica. Mas, para isso, é necessário não eliminar, nem abrandar, nem diminuir o alcance do programa, da política de luta anti-capitalista. Deve-se fazer uma política de explicação mostrando o que é o Estado operário; mostrando que são os partidos comunistas, em frente única com os socialistas, com os movimentos de esquerda e de toda natureza, com os sindicatos, os que são capazes de resolver os problemas da sociedade. Então é necessário ter um programa econômico, político, social para fazer essa política. E o Papa foi a um país onde existe esse programa, que não é completo, não é o que se pode fazer, mas é um programa de desenvolvimento do Estado operário, ou seja, o oposto ao sistema capitalista.

Mesmo que a massa católica acompanhe atentamente a visita do Papa, a imensa maioria da massa católica tem sentimentos que são socialistas, e procura o progresso da humanidade. Por isso a infinita

maioria da massa católica de operários, de camponeses, pequeno burgueses, dos que vivem trabalhando, dos que têm um nível cultural desenvolvido, vê com simpatia o Estado operário e vê com simpatia essa viagem do Papa. Mas vêem com simpatia porque vêem que o Papa vai para reconhecer o Estado operário; e isso é uma aprovação da existência do Estado operário. A política para ganhar a massa católica no mundo é demonstrar a firmeza, a segurança do Estado operário, dos países socialistas, dos partidos comunistas, socialistas, dos movimentos de esquerda, do movimento sindical, da frente única sindicatos-partidos operários e de esquerda com um programa para transformar a sociedade. Um programa que faça um chamado à intervenção direta das massas.

O Papa não foi para reconhecer os Estados operários e procurar uma aliança contra o sistema capitalista; está procurando conciliar e medir as forças, porque não se sente capaz de decidir, de impor, de resolver. Isso quer dizer que a força da Igreja se mostra inútil para resolver qualquer coisa; não tem poder, não tem capacidade, não tem autoridade nem econômica, nem política, nem social, nem filosófica, nem científica. Procura tirar vantagem dessa posição para a sobrevivência da Igreja enquanto aparato burocrático que tem interesses próprios; e ao mesmo tempo, sem enfrentar o regime capitalista, procura se desprender, em parte, do submetimento ao sistema capitalista, para poder fazer seu próprio negócio. Mas na defesa do sistema capitalista. Por isso não fez nenhuma condenação ao sistema capitalista. Fez a afirmação de que a Igreja não é imperialista, para mostrar que o Estado operário pode conciliar com a Igreja.

A viagem do Papa mostra, por outro lado, que nos círculos elevados da intelectualidade, dos cientistas e da massa católica, existe uma preocupação muito grande sobre a função da Igreja. E vão procurando empurrar a Igreja para o enfrentamento com o sistema capitalista. Por isso o movimento católico reacionário, como o de Strauss, na Alemanha, não consegue fazer nada em nome do catolicismo contra o Estado operário. Porque já existe uma educação nas massas, que admitem a combinação da religião; mesmo mantendo a prática da religião, dão o apoio social, econômico, moral, cultural, científico ao progresso revolucionário do mundo. Nesse processo, as massas católicas se elevam e são ganhas pela compreensão de que o progresso material, econômico, social, cultural, científico, artístico, está determinado pela relação entre os homens. Vão elevando a sua confiança na organização de suas atividades, dos seus sentimentos, dos seus movimentos, de acordo com a sua inteligência e as relações humanas, não dependendo das forças exteriores à sua própria prática da vida na sociedade e com relação à

natureza. Esta é uma influência enorme do Estado operário.

Quando o Papa disse: "Não somos imperialistas", quis mostrar que pode negociar, pode fazer acordos com os Estados operários. Está procurando a sua própria salvação e procurando a etapa de intercessão, na qual o imperialismo busca sobreviver, procurando se adaptar aos Estados operários. Na Igreja se expressa o progresso social da humanidade. Uma imensa massa de católicos, não somente de operários, camponeses, pequeno burguesia, mas de intelectuais, aspira e compreende que o progresso do mundo é o socialismo, então se inclina e se orienta no sentido de apoiar os movimentos socialistas, o progresso social, mantendo ainda a crença religiosa.

Os partidos comunistas, socialistas, devem responder a este processo, sem eliminar a sua concepção materialista dialética. Mas devem responder para facilitar a integração das massas religiosas; mas, para esta integração, não é necessário ceder às crenças religiosas ou contemporizar com a religião. É necessário, sem atacar, sem ter como objetivo o ataque, a luta contra a Igreja, dar-se como objetivo atrair as massas católicas, para que intervenham cada vez mais; e na própria experiência na qual ela intervém, com um programa anti-capitalista, com órgãos de poder popular, vai aprender a dirigir-se a si mesma e abandonar a religião.

A concepção de Marx, "a religião é o ópio do povo", não foi eliminada. A intenção do capitalismo ao usar a religião é de que seja o ópio do povo, mas para as massas a religião não é "o ópio do povo", é uma crença religiosa. Ela é usada pelo sistema capitalista como um ópio para manter o submetimento da consciência aos interesses da religião e estes a serviço do capitalismo. Mas acontece que a religião já não pode cumprir essa função. Por isso, apesar de que se mantém para o capitalismo o objetivo de usar a religião como "ópio do povo", para as massas já não se trata de "ópio do povo". Para as massas significa utilizar um sentimento de progresso, mas se não existe uma política correta a religião continua sendo utilizada como "ópio do povo". E a política é o desenvolvimento do programa de transformações sociais, de intervenção das massas, da população na direção do país, da economia, da política, da cultura, da ciência. Na medida em que as massas intervêm mais, a sua experiência se eleva mais e mais. E na medida em que se eleva, adquire a consciência de que ela resolve todos os problemas, e isso termina numa comparação entre a influência religiosa ou sentimento religioso, e o progresso da humanidade.

Assim como a religião já não pode exercer a função de "ópio do povo", mesmo que a intenção da Igreja seja essa, e a estrutura da Igreja, que é uma ala do capitalismo, é isto, também as massas católicas já

não seguem os seus sentimentos católicos submetendo tudo (a vida social, econômica e científica) ao sentimento católico. Mesmo mantendo o sentimento religioso, se guiam pela experiência prática da sua vida e pelo progresso social que são os países socialistas, os países da África, da Ásia, da América Latina; como Vietnã, Moçambique, Argélia, Angola, Cuba; vêem o progresso imenso desses países.

A visita do Papa à Polônia é a expressão da limitação do poder capitalista e mesmo da Igreja. Não é o aumento nem a extensão da força da religião. Basta pensar nisso: os milhões que disseram que foram, representam apenas uma ínfima minoria, no total não é sequer 1 por cento da população. Além disso, ninguém atacou o Estado operário. Não somente o Papa deixou de atacar o Estado operário, mas ninguém fez nada. E isso porque as massas não tem dissidências com o Estado operário: são católicas, mas estão no Estado operário.

O que importa ver nessa viagem do Papa é que ele vai a um país em que existe uma massa católica considerável (pequena, mas considerável) e essa mesma massa apoia, vive e sustenta o Estado operário; quando antes a imensa maioria das massas eram católicas, agora, pelo contrário, são socialistas. Uma imensa massa é católica, mas, simultaneamente, socialista. E isso levando em consideração que a Polônia é onde ainda restam muitas bases da propriedade privada no campo, que são a fonte da base religiosa. Mas deve-se considerar que os próprios filhos dos camponeses que têm propriedade, já não são mais proprietários e nem católicos; passaram para o Partido Comunista. Não há um ataque de repúdio, de combate aberto aos católicos; o que ocorre é que o desenvolvimento socialista vai ganhando a massa católica. O Papa foi procurar conciliar com esse processo. Não com o Estado operário: com este processo para não ficar de fora. O que demonstra que não tem confiança no porvir do capitalismo.

A crise da Igreja é muito profunda. Uma grande quantidade de dirigentes da Igreja, de todas as ordens, é influenciada pelos Estados operários; é influenciada pelas lutas das massas e pela necessidade de progresso científico, cultural e econômico. As camadas reacionárias são as que transmitem e conservam o "ópio dos povos" de forma mais completa. Mas o fato de que nas reuniões da Igreja apareçam cada vez mais e mais tendências terceiro-mundistas, para apoiar a luta das massas, indica que a base essencial da Igreja (sobretudo católica) está vendo que isso é uma necessidade, que o progresso vem com os Estados operários, com o socialismo. É daí, portanto, que a formulação de que "a religião é o ópio do povo" não pode exercer a mesma influência que exerceu na época de Marx. Na intenção da alta cúpula da Igreja continua sendo assim; mas nas camadas médias e baixas da Igreja existe um setor muito importante que tende a se vincular com a luta dos povos e não com a passividade da Igreja.

Viu-se tudo isto em várias reuniões de concílios, onde parte dos participantes, seja da África, Ásia ou América Latina - e mesmo da Europa - defendiam posições muito avançadas, de progresso social e econômico contra o capitalismo. Sem mencionar a luta de classes ou o capitalismo, defendem propostas e tomam posições que afetam a estrutura, a existência e a unidade do sistema capitalista. É o progresso dos Estados operários, é a relação de forças favorável à necessidade objetiva do socialismo; relação de forças materiais favorável aos Estados operários, à luta das massas do mundo, dos partidos comunistas, socialistas e de esquerda, o que determina este comportamento do Papa: procura parar e conter a pressão enorme que vem da Igreja, de todas as camadas da Igreja. Sobretudo, levando em conta a experiência que o Papa acaba de fazer no México. Quis colocar para as massas que elas, apesar de sua probreza, vivem de forma tranquila e boa, o que provocou a vaia das 180 mil pessoas que o escutavam. Teve que retificar-se no dia seguinte. Ou seja, a massa não aceita o "ópio dos povos", mas quer que a Igreja jogue um papel para promover o desenvolvimento econômico, social, o progresso, o que só pode ser feito com o anti-capitalismo. Depende de que os Estados operários e os partidos comunistas tenham uma política de explicação e de desenvolvimento da luta anti-capitalista que consiga influenciar cada vez mais às massas católicas.

J.POSADAS

A VIAGEM DO PAPA À AMÉRICA LATINA, A CRISE DA IGREJA E DO SISTEMA CAPITALISTA

28 de janeiro de1979

A visita do Papa ao México tem uma importância política muito grande. Foi decidida depois que já estava organizada a III Conferência Episcopal Latino Americana (CELAM), o que mostra que esta reunião não foi programada com a assistência do Papa.

O objetivo essencial da visita do Papa é manter o domínio, o controle da Igreja sobre todos os seus órgãos e inclusive sobre esta reunião latino-americana. Assim como a Igreja que tem certa influência nas camadas populares amadurece, como no Irã, o crescimento político também amadurece. Então o Papa vai à América Latina para conter esse processo e para mostrar que a mais alta autoridade da Igreja responde à pressão ou à necessidade da história. É dessa maneira que ele quer aparecer, e também com o objetivo de não ser ultrapassado, para que não haja uma divisão na Igreja. Já no Concílio anterior surgiram muitas reformas.

A viagem do Papa é também para dirigir a opinião pública religiosa para os problemas da América Latina e não dos grandes países capitalistas da Europa ou dos Estados Unidos. Mas os problemas da América Latina são os mesmos que os dos Estados Unidos, da França, da Itália, Alemanha, muito mais acentuados, mas são os mesmos. São os problemas da exploração, o problema do desprezo pela vida humana, a matança das pessoas através da fome, da poluição e da desigualdade social. Ou seja, problemas que são consequências do capitalismo, que se acentuam nesta etapa da história e que se expressam tanto na América Latina como na África ou na Ásia. Então o Papa vem nessa viagem para aparecer como um consolador da miséria, um crítico abstrato, interessado em não aparecer comprometido com o capitalismo. Mas ele não veio criticar o sistema capitalista, que mata, assassina, as pessoas. Na Itália, na França, na Alemanha, nos Estados Unidos as massas são assassinadas pelo capitalismo.

Nos Estados Unidos existem 46 milhões de super-explorados, dos quais existem 30 milhões na área da fome. Para denunciar estas coisas,

que ocorrem nos "grandes países" não é preciso ir à América Latina. No cotidiano da Alemanha, existem 2 milhões de operários, os operários estrangeiros, que não têm direitos sociais nem políticos, e são completamente explorados. A França ainda tem exércitos imperialistas que intervêm na África e que matam e assassinam. O imperialismo ainda mata e assassina na Rodésia. Por que o Papa não se mete nisso? Esses são problemas que existem. Consequentemente, o Papa não intervém para dar programa e política, mas sim para fazer declarações abstratas.

A condenação à exploração é simplesmente uma decoração, mas o que existe por trás disso é o apoio ao regime capitalista. Não apresenta nenhum programa contra o sistema capitalista. Porque não se trata de fazer declarações abstratas e sim de dar programa, que significa que é necessário dar 6 horas de trabalho por dia, trabalho para todos e ser contra as ditaduras assassinas da América Latina. Paraguai, Nicarágua, Guatemala são ditaduras que cometem assassinatos constantes. Qual a condenação que o Papa faz com relação a isso? Não apenas a condenação, mas que medidas a Igreja propõe ao condenar? As declarações abstratas não são suficientes, uma vez que são simplesmente decorativas! Quais as medidas concretas? Ele sai então a calar a Igreja para que sua base mais ampla, os operários, camponeses, a pequeno burguesia pobre, não pensem por si mesmos, e para que acreditem então que a Igreja acompanha os seus problemas. Porém, quais as medidas que propõe? Que importância tem dizer que estamos contra a exploração sem propor medidas para impedir que ocorra a exploração do homem pelo homem? E, depois, que atividade a Igreja faz para impedir a exploração do homem pelo homem, quando é evidente que na América Latina, na Ásia, e na África esse processo não é uma particularidade, e sim, simplesmente, uma forma muito acentuada daquilo que ocorre na Europa? O que acontece com os operários da Alemanha não é uma matança, mas é o submetimento que prepara a matança. Estão vivendo em condições fora dos direitos humanos, pois não têm direitos sociais nem políticos. Na Itália fizeram a matança de Seveso, e a CIA faz assassinatos para defender o sistema capitalista mundial.

A intervenção do Papa não é para conter a exploração e sim para aparecer correndo na direção da história, se mostrar diante da massa católica. Não é para intevir, é para conter a influência do processo revolucionário da história na própria direção da Igreja que já se expressou na anterior reunião do Episcopado latino-americano. O Papa vai à América Latina para conter este processo. Sua intervenção não estava programada, sai agora para conter este processo, porque na América Latina a Igreja está mais vinculada aos setores explorados e a direção

da Igreja sai então a competir e a conter um setor, não toda a Igreja latino-americana. Da Igreja latino-americana saíram padres de esquerda que afirmaram:"Entre nós e o marxismo não existe antagonismo, ambos queremos a mesma coisa". Então o Papa procura por-se em dia com a marcha da história, mas não dando um programa, quando o programa, seria a forma concreta de fazer isso. A Igreja latino-americana que se reuniu há vários anos no Equador deu um programa; um programa de desenvolvimento econômico e de defesa da população explorada.

Mas, no caso do Papa, a Igreja sai a manter sua autoridade, cedendo na forma, declarando-se contra a exploração, mas não fazendo nada contra a exploração e sim buscando conter, deter toda medida organizativa concreta. A forma como se mede isto é a seguinte: quais as medidas organizativas propostas? Essa é a forma como se expressa, através de formas organizativas.

No Irã, ao contrário, a Igreja que é um dos ramos do islamismo, tem posições concretas de defesa da democracia, propõe estatizar todos os bens do Xá e fazer uma república democrática, que, ainda que seja islâmica, é democrática. Isto é, toma posições específicas. Apesar de que não é a posição mais importante, mas sua base é de milhões, tem influência sobre milhões. Ou seja, na Igreja se expressa a influência do processo da história, e a alta cúpula da Igreja sai a conter, como o Papa está fazendo.

É necessário fazer um chamado aos jovens católicos mostrando que a ida do Papa a esta reunião, é uma expressão de que existe, na base católica do mundo, uma grande influência do progresso social da marcha da história; progresso que é determinado pela luta das massas do mundo pelas transformações sociais, onde o elemento fundamental são os Estados operários: a URSS, China, Cuba, Iugoslávia, Checoslováquia. E aí se inclui a luta do Vietnã e o triunfo do Vietnã e do Cambodja contra a camarilha assassina de Pol Pot apoiada pelos chineses. As massas do mundo vêem isso e adquirem a confiança de que esta é a forma do progresso. Logo, é necessário chamar às massas católicas a ver que o progresso tem formas organizativas. E que as formas organizativas, dependem das relações econômicas e estas do regime de propriedade. Então discutir tudo isso abertamente.

No sistema capitalista não existe possibilidade de progresso. Não pode haver progresso científico, cultural se não existem as bases sociais, econômicas que permitam fazer isso, e é preciso que haja, então, uma direção que propicie o desenvolvimento da economia para que essas possibilidades se expressem. Se existe uma direção de Estado operário, mesmo que não haja grande desenvolvimento econômico, o pro-

gresso existe, como em Angola, como em Cuba, como no Vietnã, porque existe uma direção política revolucionária, que tem o programa da revolução, tem o partido preparado para isto.

O movimento católico, a massa católica, quer o progresso, busca o progresso e é influenciada pelo progresso; então é necessário lutar por esse progresso e vincular a massa católica com os sindicatos, com os movimentos de reivindicações, mas com um programa de progresso social. Não apenas reivindicações de uma categoria ou outra; propor um programa de reivindicações de progresso social, de medidas sociais contra o sistema capitalista, e avançar o máximo possível na estruturação de órgãos que permitam planificar, dirigir a sociedade, a economia e ir desenvolvendo os órgãos das massas, dos sindicatos, dos bairros, das escolas, do campo. Órgãos que permitam unificar a população para dirigir a economia, porque o capitalismo só conduz à catástrofe.

O sentido principal desta viagem do Papa é por-se ao dia com a história, com um sentido de contrarevolução. O objetivo não é favorecer o progresso e sim paralisá-lo. Ele sai a paralisar, deter, não a favorecer o progresso, porque sua função é defender a propriedade privada. Se a cúpula da Igreja estivesse contra a propriedade privada declararia isso, faria um programa contra a propriedade privada e chamaria a lutar contra a propriedade privada! O Papa, como dizem os jornais, foi atrás de setores camponeses muito atrasados, que não têm outro tipo de comida além do mato. E disse: "Estamos contra a exploração"! Mas é preciso dar programa para isto, e não há programa concreto com base nas bençãos. É preciso dar um programa de empregos, medidas contra a poluição causada pelo capitalismo e para isso é preciso ver que é o sistema capitalista quem se opõe, então é necessário expropriá-lo, planificar, fazer como se fez em Cuba, na URSS, como está se fazendo na Argélia, ainda que limitadamente, porque não é um Estado operário, porém está próximo de sê-lo. Sobre essa base é preciso discutir e ver como interpretar a viagem do Papa.

É uma viagem cuja essência é conter o processo revolucionário, sem aparecer opondo-se a esse processo ou à direita. É necessário ter em conta que houve, na América Latina, reuniões de altos chefes da Igreja, como foi a do Equador, onde propuseram um programa de entrega de terras aos camponeses. Claro e concreto: entrega de terra aos camponeses! E porque o Papa não vai entregar a terra? A terra que ele entrega é a que tem nos ouvidos, nada mais!

A viagem do Papa mostra a esquerdização, a influência, sobre a massa católica, dos Estados operários e da luta revolucionária das massas do mundo, inclusive das massas do Vietnã, Cambodja, Cuba. As massas do mundo vêem que não se trata de pregações e orações a Deus

e sim do programa de organização planificada da economia, da propriedade; a propriedade em função das necessidades da coletividade. Em função disso, programar a produção.

Quando os Papas atualmente não podem benzer os canhões do fascismo é porque a massa católica do mundo quer transformações sociais, inclusive a massa do país onde vive o Papa que é a Itália. A massa católica quer, busca o progresso: a pequeno burguesia, o campesinato, os operários. O Papa não condenou nem chamou a levantar-se contra as ditaduras e as chacinas na Nicarágua, Guatemala, onde massacram e ele não disse uma palavra. Não diz nem uma palavra sobre o Irã, nem ele nem a Igreja. Por sua vez, particularmente os padres, os bispos, fizeram condenações públicas. O Papa vai pedir calma, que logo, logo, vem o progresso, que "não explodam", e enquanto isto as massas do Vietnã, Cuba, Moçambique e Angola estão transformando a sociedade, transformando as relações econômicas de propriedade. Não é uma abstração; buscam o progresso, e a base do progresso é a economia, logo, transformam as bases da economia e isso dá as bases sociais para o progresso de cada país.

J.POSADAS

A IGREJA, O PROGRESSO DA HUMANIDADE E O COMUNISMO

13 de outubro de 1977

Existe uma corrente muito grande no Partido Comunista Italiano que quer impedir a pressão dos Estados operários e da classe operária da Itália. Quer receber o apoio da mesma, e da União Soviética, mas não depender socialmente desta força, mas, por exemplo, de setores como os católicos. Não se trata apenas de uma política equivocada devido a uma falsa concepção; é um programa premeditado. Eles estão procurando não depender da classe operária, assim como antes procuraram Agnelli (presidente da FIAT - Nota dos Editores -). Nem todos fazem isto da mesma forma e conscientemente, mas este é o fundo.

O problema do catolicismo e do marxismo não se coloca como na época de Lenin. Naquela época, não havia nenhuma experiência de massa com os católicos. Havia poucos movimentos e ainda acreditavam no regime capitalista, não na religião como futuro, mas sim no regime capitalista. Depois do desenvolvimento dos Estados operários, do progresso da revolução, da crise do capitalismo, do nazismo, o movimento católico viu que, dentro do regime capitalista, não há perspectivas e buscam, em consequência, outra saída.

Os católicos vêem que, como católicos, não têm futuro nem objetivos; devem constituir-se como movimento político. Então, procuram o partido mais próximo às suas crenças. Mas já se demonstrou que existe uma enorme quantidade de católicos no Partido Comunista, que são católicos e comunistas. Não houve nenhuma pesquisa de opinião para ver se eram marxistas ou católicos, mas o seu comportamento é de apoio à União Soviética e, muitas vezes, melhor que a metade dos comunistas. Eles não buscam uma solução dos problemas teológicos, místicos ou religiosos no Partido Comunista; buscam uma solução social, que a religião não dá. A religião fornece uma série de respostas e promessas para depois da morte, mas sobre a vida não diz nada. Os dirigentes comunistas não se referem aos problemas da vida e, ao contrário, prometem o céu. Dessa forma retrocedem ao nível dos católicos e

estes naturalmente pressionam a política do Partido Comunista procurando fazer uma combinação com a concepção capitalista.

Não tem sentido discutir se há concepção religiosa ou se Deus existe ou não. Pode-se discutir mas, enquanto isto, existe o capitalismo. Isto sim, se vê todos os dias nos problemas da vida diária É a isto que é preciso responder! O Partido Comunista fala do católico, do comunista, como se fosse um problema abstrato. Não, é um problema concreto e social! Os católicos vêm ao comunismo procurando soluções sociais e é preciso dar-lhes soluções sociais! Não dizer de forma ambígua que "se pode crer em Deus e ao mesmo tempo esperar o comunismo". É preciso dizer o que quer o comunismo; em vez disto, os dirigentes comunistas escondem, e se aproximam aos católicos. Desta maneira, perdem força. Os soviéticos vão intervir, porque têm pouco a perder, o risco é pequeno. Frente ao imperialismo é diferente, porque são classes sociais que se enfrentam. Ao passo que o catolicismo não representa uma força social importante, muito menos para a União Soviética.

Na Polônia, os filhos dos católicos tornam-se comunistas e dizem aos seus pais que abandonem a propriedade privada e que apoiem o Estado operário. Por que os dirigentes comunistas não dizem isto? Eles mencionam o que disse monsenhor Betazzi (1), de que o Partido Comunista professa uma ideologia inconciliável com a fé cristã; mas também em alguns evangelhos fazem Deus dizer que é preciso matar todos os cristãos malvados. Mas o problema não é discutir isto, que é misticismo e não soluciona nenhum problema; o que se deve discutir é: quais são as medidas econômicas necessárias para resolver a vida dos católicos e dos não católicos? Qual é a forma de compreender e resolver os problemas econômicos? Falando de forma abstrata ou mística, não se resolvem; pode-se manter a fé cristã, mas, enquanto isto, como se vive? O Partido Comunista Italiano não resolve isto. É preciso dizer que o marxismo está aí! Em vez disto, querem esconder para ceder; e não é desta maneira que os católicos irão ao Partido Comunista; este abre-lhes a porta, mas ficam de fora.

A política necessária para ganhar a base católica

A concessão que o Partido Comunista Italiano faz aos católicos, está dentro de um programa eleitoralista. Não há discussão sobre a luta de classes, e sim uma ambiguidade completa. Discutem teológicamente e não com base no programa e na política.

Está ficando bastante complicado para o capitalismo, porque todo um setor da Igreja busca proteção no comunismo, ao ver que vem tu-

do abaixo. Fora da Itália, a Igreja não tem força em nenhum outro país do mundo; apesar de que também já não tem muita força na Itália. Há um grande número de operários católicos que são comunistas e pedem para destruir o capitalismo e os falsos religiosos.

O problema não é que os católicos tenham uma missão a cumprir; isto é falso. Para os operários que estão em greve, para os que são assassinados, para os que estão avançando, os que constroem, se trata de um problema da inteligência e não de Deus, do Espírito Santo ou da Bíblia, começando pelo fato de que há várias versões diferentes da Bíblia.

Os comunistas italianos não têm preparação nem segurança marxista para intervir neste problema. A Igreja não tem a potência que eles dizem. Se tivesse toda esta potência, teria intervido há muito tempo para sustentar o regime capitalista. Sustentou os canhões de Mussolini; Mussolini veio abaixo, o fascismo veio abaixo, e a Igreja foi retrocedendo cada vez mais. É preciso discutir assim! Aonde vai a Igreja! Podemos fazer uma aliança ou um acordo com ela, se é conveniente social e eleitoralmente. Mas a Igreja não é uma força com a qual seja possível por-se de acordo social ou eleitoralmente. Houve padres, como o de Padova, que intervieram na resistência, durante a guerra, apoiando a construção de repúblicas socialistas na Itália. Os comunistas nunca dizem isto! Em quase 8 regiões italianas se propôs a constituição de repúblicas socialistas. E a base operária democrata-cristã estava de acordo, e sabia muito bem quem era o seu patrão, mesmo que fosse católico.

Não se pode discutir apenas sobre os católicos, e sim sobre quais são e como se resolvem os problemas da economia, da sociedade e, então, pedir aos católicos que colaborem com esta tarefa, mesmo mantendo suas crenças. Não se trata apenas de falar de Marx, Engels e do materialismo dialético; é necessário ajudá-los a compreender, nos problemas concretos da vida, como superar o misticismo com a prática materialista. Os soviéticos têm centenas de exemplos: ganharam uma quantidade imensa de católicos. Foram incorporados na construção do Estado operário e ganhos. Ganharam generais, o que era muito mais difícil do que ganhar católicos. O Partido Comunista Italiano deve apoiar-se em tudo isto para discutir. Este cede agora porque tem uma concepção eleitoralista e escondem toda uma série de experiências feitas pelos bolcheviques. Estes foram os mais audazes de toda a história! Incorporaram e educaram generais do Czar. Naquela época não havia nenhuma experiência. Na China, foi a mesma coisa; ganharam a metade dos budistas. No Japão, a seita de Komeito que era reacionária na sua origem agora está à esquerda dos socialdemocratas em muitas posi-

ções. Não se pode desconhecer estas experiências!

A Igreja quer resolver o problema da humanidade e do homem através da influência religiosa. Mas é um problema de comparação histórica. Como se desenvolve a ciência? Compara-se, prova-se, medem-se os componentes, se vê os resultados e extraem-se conclusões para generalizar. Este é o método com o qual a humanidade passou das cavernas à civilização atual. Portanto, apliquemos esta concepção, sem submeter-nos ao respeito pelo método teológico. Além disto, não se deve dizer que o marxismo "não é um dogma". É um método científico e, portanto, está fora de cogitação qualquer qualificação de que "não é um dogma". Ao dizer isto os comunistas abrem as portas à dúvida. Os comunistas continuam discutindo como dirigentes eleitorais.

Não é errado discutir com os católicos. O que está errada é a forma de fazê-lo. Porque é evidente que há uma tendência de esquerda muito grande na Igreja que aceita que o socialismo é uma necessidade. É lógico, então, conciliar com eles, mas não nos princípios e sim, apenas, para dar tempo para que amadureçam. Mas está muito bem o fato de que se polemize e fale com eles.

Existe uma tendência bastante de esquerda na Igreja. Por exemplo, todos os setores que fazem acordos com os Estados operários estão contra o cardeal Winsinsky que, junto com Lefebvre, ficaram completamente anulados(2). E muitos dos altos dirigentes da Igreja declaraque, apesar de não serem marxistas, o marxismo tem coisas que respondem às necessidades da humanidade. Com isto, quebram todo o esquema daqueles que fecham os olhos e submetem-se ao regime de propriedade privada. Têm que ver e pensar, porque a situação não é a mesma de antes.

Estamos vivendo uma situação muito elevada. Quando a influência desta situação chega até a Igreja, que é a instituição mais afastada, inclusive mais que o exército e a polícia, é porque em todos se dá um processo muito profundo de erosão, produto do progresso da história expressado nos Estados operários. Além disto, uma coisa com a qual a Igreja se choca, é que não tem resposta teórica para os problemas científicos. Eles não têm embasamento teórico porque não têm existência real, não buscam nada real. Portanto, por fazerem uma vida totalmente configurada, não podem ter uma base teórica e científica e consequentemente a queda da Igreja vem muito rápido. Lefebvre expressava a fratura que existe, porque via que a Igreja é influída pela revolução e tratam de contê-la. Isto serve para ver o atraso, ainda, dos camaradas dos Estados operários, que não têm uma política dirigida a ganhar a massa católica. Como instituição, a Igreja não pode ser ganha, mas pode-se romper a vida interna que ela tem. Desta maneira ganhamos um

tempo histórico imenso. Há 40 anos, o Papa benzia os canhões de Hitler, as armas de Mussolini, e agora não quer saber mais nada com eles. Não é o mundo que muda, é a história que avança. E, ao avançar, vai desenvolvendo relações, forças e perspectivas contra aquilo que existia. Não é que surgiu algo novo, pois não é nada novo. Está se construindo uma relação a partir dos velhos elementos.

O mundo não é nada "novo". O que se está fazendo se constrói sobre o velho. O "velho" são as pessoas, que continuam iguais a antes. O que existe é uma estrutura, uma relação superior da humanidade. Isto esmaga a Igreja, porque eles não têm resposta para isto. Que resposta o Papa pode ter? As suas rezas não resolvem o problema da falta de trabalho ou da impossibilidade dos jovens continuarem os seus estudos.

Com os católicos é preciso discutir o seguinte: nós respeitamos todas as crenças, mas uma coisa é defender o rico e outra coisa é defender o pobre. Portanto, é preciso estabelecer a diferença entre o rico e o pobre, o católico rico e o pobre. O católico rico usa a religião como um meio para dominar e manter o poder, para impedir a luta das massas. Por sua vez, o católico pobre busca na religião um meio que se soma ao salário para ver se pode melhorar a vida. Não são esperanças materiais o que procura, mas sim um grau de conformação da consciência, da mente, dos sentimentos para procurar compreender como vive, onde está, o que faz. Procura compreender as relações humanas.

Mas os comunistas, com esta concepção, não dão ao católico pobre nenhuma noção, deixam-no fechado no misticismo. Sem chocar-se com a Igreja, os comunistas devem colocar que o seu objetivo, na polêmica com a Igreja, é influir o eleitorado católico com a concepção e a direção do proletariado mundial e do socialismo.

A concepção tímida do Partido Comunista

Nesta intervenção dos comunistas e nas cartas enviadas por Berlinguer à Igreja, está expressada a concepção do pluralismo: respeitar a todos, deixar a todos. Mentira! A humanidade não se fez assim. Não se pode respeitar o fascismo, não se pode respeitar o assassino. Estão fora da sociedade! Quem colocou-os fora da sociedade? Que função cumpre o capitalismo? Por que não discutir assim?

Com esta concepção os comunistas querem fazer um Estado operário com a estrutura burguesa e a burguesia. Nem o proletariado, nem a burguesia, isto é o vazio! E necessário mostrar que, se o proletariado não toma o poder - supondo que não possa fazê-lo - e nem a burguesia, vem uma nova sociedade que retrocede aos confins do barbarismo. O

que, tampouco, vai durar muito tempo, porque está demonstrado que é a economia que determina o comportamento da humanidade, e ao mesmo tempo a elevação da inteligência permite dominar a economia.

Os comunistas discutem com a timidez da falta de preparação teórica, de segurança teórica e com insegurança no método de classe. Mas não é a mesma coisa que a socialdemocracia. Esta se adaptava ao capitalismo.

O Partido Comunista Italiano recebeu muito a influência das lutas pela unificação da Itália, que vem da época dos carbonários e, por outro lado, da falta de segurança na formação marxista. O stalinismo, então, encontrou asas para se desenvolver, pois, mesmo que Stalin tenha desaparecido, a concepção stalinista, que é de conciliação de classes, de método de conciliação de classes, caminha por todos lados. E combina-se com as condições peculiares da Itália, que tem este antecedente histórico de só haver se unificado em 1860. Até este momento os alemães, austríacos, franceses, espanhóis iam e vinham da Itália. Não é a mesma história da França, da Inglaterra, da Alemanha que puderam partir de uma nação unificada. Na Itália o Papa chegou a ter um Estado, fizeram-lhe esta concessão. E há, atualmente, um grande peso católico. Setores do proletariado, da pequeno burguesia pobre e do campesinato são católicos. E continuam indo a confessar-se, porque o Partido Comunista e, fundamentalmente, o Partido Socialista fazem todo tipo de concessões à Igreja. Quando podem continuar sendo católicos, mas ser influídos pelo Partido Comunista. Pode-se ganhá-los ao Partido Comunista, , mesmo que não renunciem à condição de católicos. Mas o que não podem é formar parte da direção do Partido, dos órgãos dirigentes, dos que dão idéias, determinações.

Em vez disto, os comunistas já falam de integrar os católicos à direção. Não devem ser integrados à direção mas como membros do Partido. É preciso fazer uma enorme atividade de influência sobre eles, de educação. E ao mesmo tempo chamar a que formem um partido católico de esquerda, com um programa anti-capitalista. E, neste chamado, o importante não é formar o Partido, mas sim o programa que tenha. Sem este programa, o Partido já nasce desfeito, porque representa todas as correntes da ala burguesa dentro deste movimento.

Estas são as tarefas de hoje, que não estavam colocadas na época de Lênin, mas Lênin já deu a norma de como se deve agir. Os bolcheviques discutiram o problema católico e ganharam muita gente católica, mas nenhum determinou a política do Partido. Eram ganhos para apoiar e influir o resto dos católicos.

Estes problemas surgem porque existem os Estados operários, grandes Partidos Comunistas, e o capitalismo não é capaz de manter o poder. Criam-se, então, todos estes problemas, cuja base é que não há uma direção capaz de basear-se sobre as condições atuais de ascenso e tomar o poder. Então, as situações se dilatam. Um exemplo o demonstra: quando terminou a Segunda Guerra, a Igreja não tinha nenhum poder, foi-lhe dado. E os comunistas deixaram. A Igreja esteve do lado dos invasores.

Tudo isto era parte da política de Stalin, que não queria o poder, que foi-lhe imposto pelo Exército Vermelho. Ele estava contra a tomada do poder na Europa. A prova é que em 1943 dissolveu a Internacional Comunista. Stalin cedeu à pressão dos setores da direita da burocracia, o que era um perigo muito grande. Mas as estruturas do Estado operário resistiram a tudo isto. E o exército, por sua conta, os militantes comunistas, a base comunista, lutaram pelo poder. Sem eles, hoje não haveriam os Estados operários que existem. O responsável não foi Stalin nem a política do PCUS, foram os setores do exército, com a massa comunista, junto com os comunistas de cada país. Quando Stalin fugiu, foi esconder-se na Sibéria, o exército e uma parte dos membros do Partido Comunista - por sua conta - puseram os trotskistas em liberdade, e estes se somaram e foram recebidos naturalmente, como dirigentes. Na Polônia e na Hungria, foram recebidos como dirigentes naturais, e postos à cabeça da direção.

Este é um problema importante para discutir, principalmente na Itália. Na França, por exemplo, o movimento católico, além de não ter a mesma importância, é mais à esquerda que na Itália. São problemas que é necessário discutir no movimento comunista, ainda que na luta de classes em geral não tenham maior importância. Os católicos não têm futuro e nem política ou posições concretas para intervir agora. Socialmente, qual é o programa dos católicos? Os dirigentes comunistas não falam nada sobre isto. E, além disto, se aceitam os católicos, porque não aceitam os esquerdistas? Eles sim, têm um programa. O problema é que os católicos correspondem à base conservadora do Partido Comunista, e os esquerdistas não.

Esta situação é muito importante porque existe uma crise no Partido Comunista, que não aguentará esta política dirigida à Igreja. Para os soviéticos, será uma boa oportunidade para intervir, e se vê que estão se apoiando numa base social bem elevada, ao contrário de Stalin, que fazia a política de classe depender dos católicos e dos intelectuais. Isto mostra que o ajuste final de contas está chegando.

J.POSADAS

NOTAS

1-Refere-se a uma troca de cartas polêmicas sobre o marxismo e o catolicismo, entre o Monsenhor Bettazzi, Bispo de Ivrea, no norte da Itália, e Enrico Berlinguer, então Secretário Geral do Partido Comunista Italiano.
2-Winsinsky, Cardeal polonês anticomunista, morreu recentemente; Monsenhor Lefebvre, bispo francês que tentou formar uma corrente própria na Igreja, de direita, e foi sancionado.

LEFEBVRE E A CRISE DO SISTEMA CAPITALISTA

26 de junho de 1977

Lefebvre expressa a profundidade da crise do sistema capitalista, que estoura por todos os lados. Esta crise da Igreja se dá em plena crise do sistema capitalista, quando avançam os processos de libertação das colônias, avança a luta revolucionária das massas do mundo. Cuba, em nome da libertação antiimpeialista, apoia o povo da África, e está presente na viagem de Fidel Castro. A URSS declara abertamente que apoia os povos na luta pela libertação nacional; o proletariado francês se dispõe, mesmo com direções tímidas e conciliadoras, a tomar medidas anticapitalistas.

Todas estas condições requerem uma resposta unificada do capitalismo para enfrentar este perigo. Com o Mercado Comum Europeu fazem uma tentativa, mas os europeus não têm um mercado comum. E esta fratura na Igreja é uma resposta ao contrário; demonstra a insegurança, o desequilíbrio; na etapa pior para o capitalismo, Lefebvre rompe para organizar um movimento fascista, através da Igreja. Isto é, procura romper com toda política que leve a fazer concessões aos Estados operários e às massas do mundo.

O interesse lógico, social, histórico e concreto do capitalismo é responder unitariamente, enfrentando o processo da revolução e os Estados operários, que se unem ao processo revolucionário mundial. Em vez disto, está se dando uma divisão de um dos órgãos mais importantes do capitalismo, que é a Igreja. O que demonstra a debilidade, a insegurança do capitalismo.

Não são tão importantes as consequências práticas que este rompimento, esta fratura, terá. Serão muito poucas, mas o que se demonstra para a burguesia é a sua insegurança e incapacidade de resolver estes problemas. Isto leva a uma divisão interna que revela um desequilíbrio, pois vêem que estão fazendo concessões e que saem perdendo. E os grandes círculos, que são os representantes dos maiores setores vinculados à produção de armamentos, tratam, por outro lado, de respon-

der com esta política "esquerdista" da Igreja.

Isto que faz Lefebvre não é a fratura da Igreja. É um sujeito, da Igreja, que encabeça uma frente única do capitalismo, o que, em outra etapa, correspondia a um Hitler. Isto demonstra a enorme debilidade do sistema capitalista, pois esta resposta não permite a eles enfrentar o processo da revolução. Eles vêem que a metade dos católicos está com os Estados operários, continuam acreditando em Deus mas apoiam os Estados operários e vão cada vez menos às missas. E mesmo os que frequentam a missa não se submetem ao sistema capitalista, à propriedade privada. O objetivo deste Lefebvre é criar um movimento dentro da Igreja, para suportar a pressão dos Estados operários e a luta das massas; para tratar de impulsionar a burguesia a não retroceder, mas a burguesia cede. A burguesia, que está vinculada à economia, à sociedade, às relações da Universidade, das escolas, cede porque é obrigada.

Trata-se de um movimento antigo, atrasado, como a cara de Lefebvre;a cara de Lefebvre parece uma cara saída do século XII,XIV,XV.

São setores vinculados às grandes indústrias, setores do grande capitalismo, mas não vinculados diretamente às finanças e à produção. São ideólogos deles. No seu pânico, refletem-se a si mesmos.

Na Itália, os fascistas tentaram fazer um movimento, e terminaram divididos em três e os chefes deles, que deveriam ser os sujeitos dispostos a morrer, são todos barrigudos; se dividiram e uma das alas se chama de democrática, o que demonstra a enorme debilidade do sistema capitalista.

O objetivo de Lefebvre é político, e ele mesmo diz; afirma que o Papa fez concessões ao comunismo, aos Estados operários, que Deus anda com a bandeira vermelha.

O efeito não será imediato. É uma crise total de todos eles. De Lefebvre, que reflete o temor, a impotência e o desequilíbrio do capitalismo. No capitalismo, eles agem cada um por sua conta, não agem de forma coordenada, atuam por sua conta, como um dos muitos órgãos, assim como o racista age por sua conta e os outros, como Carter, por exemplo, se vêem obrigados a limitar a sua solidariedade e o apoio a Lefebvre,porque não têm força para sustentá-lo.Têm,então,que sacrificar Lefebvre. Os soviéticos"sacrificam"os 5 mil dirigentes sindicais(1).

Vai-se elevando, então, a relação de vértice. Mas não é como dizem os comunistas que "o vértice é a reunião das cúpulas", não; a questão é que estão ficando sem apoio, sem base. Com o capitalismo norte-americano acontece a mesma coisa, por isto não está excluído que o imperialismo francês faça concessões muito importantes a Mitterrand, mesmo que não seja de forma coordenada.

Um dos órgãos do capitalismo toma esta iniciativa de aproximar-se,

cedendo, para o lado da socialdemocracia, para conter a debacle deles. Chirac corresponde a Lefebvre, é o mesmo processo. Fica evidente o desequilíbrio deles, que, ao mesmo tempo em que levam uma política completamente reacionária, dizem a Brejnev: "Venha, te convidamos". Isto significa oferecer-se como interlocutor, em nome da burguesia. São os diferentes órgãos do capitalismo, que agem independentemente de coordenação, de articulação, de acordo, mas são órgãos.

Eles tratam de reagir para impedir as concessões. Tudo isto são negociações, tratativas, concessões muito grandes, pois eles vêem o ajuste final de contas, o último ato do capitalismo, o que não significa que seja imediato, a semana que vem, o mês ou o ano que vem, mas significa que eles não vêem perspectiva na Igreja. Ao contrário, esta é influída no processo da história. Lefebvre expressa isto, pois vê que tudo vem abaixo, a estrutura, a solidez do aparato já está cedendo. Mesmo o ministro deles (se refere a Casaroli - Nota dos Editores -) recentemente nomeado, é um sujeito que acompanha a política do Papa com relação aos Estados operários, que é de aclimatação nas relações com os Estados operários. Este sujeito (Lefebvre -Nota dos Editores -)quer ir varrer com os Estados operários. O que significa que tratam-se de diferentes reações de tendências dentro do capitalismo, que surgem quando este vem abaixo. Se vai de vento em popa, não surgem estas tendências.

Por isto o capitalismo está em desequilíbrio.

Do ponto de vista histórico, não existe desarticulação, mas do ponto de vista concreto, da política, sim. O desequilíbrio do capitalismo é resultado da incapacidade, e procuram diferentes maneiras de reagir. Por isto é importante ver este processo.

Lefebvre é uma incapacidade, não tem nenhum argumento, diz:"São todos comunistas, são todos monstros, na URSS comem gente, Deus não existe na URSS". E tem medo porque os soviéticos são os que fizeram mais concessões à Igreja. E, além do mais, vêem que, na Polônia, há um declínio da Igreja. É o contrário do que eles crêem, que aumenta; declina. 25 por cento dos pequenos burgueses donos de terras, doam-nas para o Estado, os filhos deles entram para o Partido Comunista e são dirigentes comunistas. A Igreja vê tudo isto; depois de muitos anos, fizeram uma Igreja nova, muita gente foi trazida de todos lados, mas não aumenta o público religioso, diminui. E, principalmente, não têm perspectiva, nem econômica, nem social, nem políticamente. Vêem que sucumbem frente ao progresso dos Estados operários, e também militarmente. Por isto este Lefebvre procura animar o capitalismo para o enfrentamento militar; tem as mesmas frases, as mesmas formas militares, a mesma estupidez idiota de Hitler, são i-

guais. Hitler queria ver a Alemanha sobre tudo, e sobretudo ia perder.

Nada disto é produto da análise e da programação científica, e sim do desespero, pois é o último ato do sistema capitalista. Quando a crise do capitalismo atinge a Igreja, que é o órgão mais distante, é porque é uma crise muito visível e imediata. Antes a Igreja não se metia diretamente, mas de forma indireta sim, Pio XII ia benzer os canhões, agora não sabe qual cano vai benzer. Antes ia benzer os canhões que iam à Etiópia (que não podiam responder). Mas agora, que canhões vai benzer? A Igreja não tem perspectiva, e este é um aspecto da crise muito profunda do sistema capitalista. Esta não é uma fratura da Igreja; expressa, na Igreja, a fratura do sistema capitalista. Strauss (dirigente da Democracia Cristã da Baviria, na RFA - Nota dos Editores -) fez a mesma coisa, fez viagens, procurando concentrar os partidos democrata-cristãos, para que se lançassem em nome de Deus e não há possibilidade para isto, fracassou completamente.

J.POSADAS

NOTA

1-O Congresso nacional dos Sindicatos Soviéticos de 1977 - que antecedeu à sanção da nova Constituição soviética - decidiu destituir em torno de 5 mil dirigentes.

A CRISE DO SISTEMA CAPITALISTA, A REUNIÃO DO SÍNODO (1) E O AMADURECIMENTO DAS MASSAS CATÓLICAS PARA O SOCIALISMO

23 de outubro de 1974

Na reunião do Sínodo está sendo discutida a atitude histórica da Igreja frente ao progresso do mundo comunista. Estão discutindo qual é o programa, e como fazer para integrar-se ao novo mundo, porque fracassou a tentativa de opor-se, de rechaçá-lo, e de somar-se às forças da reação e ao sistema capitalista. Tratam, então, de se adaptar ao novo processo da história. Esta corrente está se desenvolvendo no seio da Igreja; há uma luta interna.

Como não se trata de uma classe, mas de setores servidores da burguesia, pode ocorrer esta influência no seu interior. A Igreja não é uma classe, é servidora de uma classe, e isto deixa o caminho aberto para ser influenciada. Acontece a mesma coisa com todas as instituições, com a superestrutura do aparato burguês, que sofrem as influências provenientes da insegurança do sistema. No contacto com a população eles vêem a superioridade do novo sistema. É este contacto com a população que os obriga a mudar. Não é uma conclusão teológica ou uma conclusão filosófica ou científica; é uma imposição da realidade que é a luta de classes. Significa que existe uma maturidade tão concentrada que os obriga a mudar, e cuja influência chega até o Sínodo.

O Sínodo é o comitê de inspeção da estrutura da Igreja. É superior a um Comitê Central. É um comitê de inspeção que vai fazer as depurações. Quando devem admitir esta discussão é porque, de outra maneira, não poderiam sustentar-se. É a maneira de impedir uma fratura. E, desta vez, uma fratura seria fatal para eles. Porque seria um setor muito grande da Igreja que romperia, pois está associado ao processo da história que vai ao socialismo. Por isto existe tal discussão entre eles, que não se decidem a romper com os jovens.O que está mostrando a existência de uma influência muito grande da necessidade do socialismo sobre toda uma camada de padres, jovens e da hierarquia média para baixo. E, por sua vez, estes refletem a vontade da população, das

camadas médias, principalmente camponesa e pequeno burguesa.

Não houve, no Sínodo, uma resolução contra o Estado operário, contra o comunismo e nem contra o marxismo. Antes a função da Igreja era esta. A função atual é politica, de direção política. Tiraram uma resolução de um Comitê Central, às escondidas. Dizem que é um Sínodo, mas é um Comitê Central às escondidas. Todos os pontos resolvidos são os mesmos que qualquer sindicato ou qualquer partido discutem. Eles têm que se adaptar e discutir politicamente, como um partido de bairro qualquer.

É preciso considerar que, nos católicos, a organização dos sentimentos não é feita, como nos marxistas, através das idéias científicas, da comprovação da realidade. Os marxistas fazem uma comparação com a realidade, e não uma comparação indecisa; fazem uma comparação dinâmica. Então vão vendo, resolvendo e adquirindo a confiança nas relações com o ser humano. Porque trata-se de um embasamento científico. Nos católicos não é assim. No caso deles, decai a fé de que seja Deus quem determina, e vêem que o que determina é a economia, a guerra, são os seres humanos e os Estados operários. Então vão se desenvolvendo neles as bases da interpretação da história e vão adquirindo uma base científica. Como a história se choca com a concepção deles, com o misticismo, então se produz um vazio. Neles está presente este vazio, em sua indecisão de organizar o método de interpretação da história. Por isto, admitem o marxismo como aliado. O simples fato de admitir o marxismo como aliado, já lhes permite aceitar um método de interpretação superior ao que deu origem à Igreja.

Em toda a história, o processo de mudanças de regimes sociais foi precedido, acompanhado e desenvolvido por uma compenetração do novo no velho regime. E, mesmo mantendo as instituições anteriores, a legislação, a forma de produção; o regime de propriedade anterior em parte já é dominado pelo regime novo, que já se desenvolve e vai criando as bases para a nova sociedade. Este processo de desintegração da Igreja anuncia que esta já não encontra como sustentar-se dentro do sistema capitalista. Se houvesse encontrado, teria sustentação.

É a mesma Igreja que benzia os canhões de Mussolini, Hitler e dos ianques. E agora, ao contrário, tem que maldizê-los porque senão, é ela que morre. Antes esperava viver benzendo-os, e agora espera viver condenando-os. A mesma atitude hipócrita de antes da alta cúpula da Igreja. Nas camadas médias e baixas, não. Sobre estas se expressa uma mudança, uma influência social e, baseando-se em aspirações, em sentimentos de dignidade ou de amor à humanidade, encontram no movimento de massas, na luta de classes e no marxismo, a parte da verdade que eles buscam, e, então sua participação na luta, é a forma

de participar na vida. E os Estados operários são a confirmação de que o marxismo é superior. Por isto desintegram o capitalismo. Todo regime social superior desintegra o outro. E a superioridade social dos Estados operários se expressa de forma tão concentrada e permanente que ao mesmo tempo que permite o seu próprio desenvolvimento mostra a superioridade histórica da classe operária. Isto está desintegrando o sistema capitalista. Para subsistir, o sistema capitalista tem que tomar atitudes como as da Suécia, da Holanda, da América Latina, ou como as da Itália, França, da Inglaterra, que correspondem a uma estrutura que já não responde estritamente ao sistema capitalista. Isto demonstra a superioridade histórica do Estado operário.

Isto deve servir para os dirigentes comunistas e socialistas medirem o estado social do mundo. A pequeno burguesia democrata-cristã da Itália é assim. O pensamento dos jovens pequeno burgueses e camponeses da Itália é: querem o progresso da história. Se vêem os Partidos Comunista e Socialista dispostos a um progresso, e tomando a decisão de dirigir o país, apoiam. E o partido católico de esquerda amadurece. Esta é uma ala esquerda que corresponde a um partido católico de esquerda e que também tem programa. Porque o programa deste setor da Igreja, cujo sentido é de não atuar em função dos interesses do capital e da guerra capitalista, já está anunciando esse caminho.

Esta divisão da Igreja está presente no exército, também. Esta é a estrutura do mundo atual, que corresponde à debilidade do sistema capitalista, cujas raízes são muito débeis. Por outro lado, a influência do processo mundial da luta de classes sobre as camadas altas é enorme.

A Igreja já está discutindo a nova sociedade. E quando chega a discutir mostra a enorme influência do progresso. Nos exércitos é a mesma coisa. Vêem que o Estado operário é uma sociedade superior. Que não se trata de uma guerra de um bandido contra o outro. É uma sociedade superior. O militar vê isto, os militares da Etiópia ou os jovens oficiais da Somália. Isto tem que influir sobre eles. Por isto o capitalismo duvida de fazer a guerra. Estão preparando-a, mas têm medo de que não dure nada e que sejam imediatamente destruídos.

A crise da Igreja não é a crise da Igreja em si. A questão é que o programa, o funcionamento, a estrutura e a finalidade da Igreja, já não correspondem ao sentimento católico das pessoas hoje, que querem mudanças sociais.

Quando as idéias socialistas desenvolvem-se no centro fabricador do domínio do sentimento das pessoas, e de construção da inteligência da Igreja, e se chega a falar de aliança com o socialismo aí dentro, é porque a autoridade da nova sociedade já ganhou o direito histórico sobre todas as camadas da sociedade. Por isto é um absurdo que nos Estados

operários, ainda existam movimentos católicos e padres representantes da reação, como os da Polônia. Isto é um absurdo completo. Estes setores existem, porque não há democracia interna no Estado operário, não há a vida científica pura, não há desenvolvimento científico dos soviets. Tudo isto elimina a Igreja. Quando as pessoas puderem discutir e resolver tudo, então se acaba essa função reacionária da Igreja.

E, ao mesmo tempo, eliminar os setores da pequena propriedade na Polônia, que são uma base de apoio da burocracia. É preciso levar uma campanha nos Estados operários contra a instituição, a estrutura da Igreja. Chamar todos estes setores da Igreja a romper (como instituição - Nota dos Editores -) e desenvolver a democracia, a discussão da democracia pública nos Estados operários, que é a maneira de combater a religião.

A base essencial para combater o submetimento religioso e a religião é a democracia soviética, a intervenção pura e direta de toda a população para discutir todos os problemas; da justiça, do desenvolvimento da democracia e da distribuição, ainda, segundo o princípio de a cada um segundo sua capacidade, mas ir avançando de forma superior à distribuição baseada no princípio de a cada um segundo sua necessidade. Isto rompe a religião, porque se cada um está intervindo e desenvolvendo a sociedade, percebe que isto é infinitamente superior que as idéias religiosas. E, em segundo lugar, é necessário um maior desenvolvimento da planificação e da centralização dos Estados operários, que são uma estrutura superior ao interesse privado. Porque na Polônia os católicos são os pequenos proprietários. Na classe operária não há um funcionamento e vida católica. É necessário aproveitar um impulso para ganhar as massas católicas dos países capitalistas e também para eliminar o poder e a organização da Igreja nos Estados operários, pois esta pesa como um obstáculo oposto à centralização e à planificação econômica de acordo com o interesse global do país. Para eles, os seus interesses é que são os convenientes. Por isto é preciso aproveitar para dar um impulso, para avançar na organização soviética dos Estados operários, para eliminar o poder, o peso e o interesse da Igreja.

Socialistas e comunistas devem basear-se nisto para elaborar o programa de ação política concreta e a política sindical concreta. Para ganhar a massa católica, e atraí-la com um programa decidido, anti-capitalista. Esta é a conclusão.

J.POSADAS

Nota

1 - Refere-se ao IV Sínodo, onde se manifestou o conflito entre os bispos conservadores e os bispos latinoamericanos, africanos e asiáticos. Estes pediram uma Igreja mais aberta a discutir com os países socialistas, com os movimentos não religiosos, com os jovens e a ver o papel da mulher na sociedade atual.

A IGREJA, COM A REFORMA ADMINISTRATIVA E ORGÂNICA, TRATA, SEM CONSEGUIR, DE ACOMODAR-SE ENTRE O PROCESSO DE DECOMPOSIÇÃO E QUEDA DO SISTEMA CAPITALISTA MUNDIAL E O ASCENSO MUNDIAL DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

30 de agosto de 1967

O Papa tomou a resolução de fazer uma reforma administrativa da Igreja, que elimina a designação vitalícia dos funcionários eclesiásticos - que compõem o que vem a ser ministério da Igreja - e fixa um prazo de cinco anos para a sua renovação; concede o direito de discussão, de poder participar da vida civil e de fazer reuniões periódicas para discutir todos os problemas. Isto inaugura um sistema de discussões periódicas que elimina a base estática dos representantes da Igreja. Principalmente, a medida de renovar os mandatos a cada cinco anos, é para tirar de cima a velha camada conservadora da Igreja, que está ligada ao passado e resiste às mudanças que eles são obrigados a fazer.

O objetivo desta renovação é dar lugar e passagem à gente nova na qual a Igreja possa se apoiar para fazer as concessões que deve fazer para continuar vivendo. O que mostra que eles sentem que aproximam-se mudanças fundamentais na sociedade. Nesta etapa existem condições que noutra etapa permitiram à Igreja aumentar o número de fiéis. Existem guerras, miséria, fome, desemprego, repressão, cataclismas, no mundo. Todas, condições que antes, quando a humanidade não estava organizada e nem havia a elevação das lutas revolucionárias, faziam com que um setor muito importante da população procurasse a Igreja em busca de uma explicação ou, pelo menos, de uma compensação, pois não entendia porque tudo isto acontecia, não encontrava resposta e nem solução na Terra e por isto recorria a Deus.

Agora há mais cataclismas que em qualquer outra etapa da história: terremotos, guerra, repressões, fome. Na Índia há períodos de fome e morrem milhões, as repressões são mais freqüentes que nunca, em toda Ásia, África e América Latina. Há guerras como as do Oriente Médio, Vietnã, São Domingos, desemprego crescente, aumento do custo da vida, diminuição do nível de vida, morte por epidemias em toda Ásia, África e América Latina. Quer dizer, aumentam todas as bases que permitiram à Igreja dominar, ter influência através do temor, ou da busca, por parte das pessoas, de uma forma de consolar-se ou de compensar a falta de meios materiais.

A Igreja hoje tem mais condições que nunca para poder dominar, tem público e condições para poder exercer influência. Entretanto, se isto ocorresse, significaria que as pessoas procuram a Igreja, e esta, dadas as condições existentes, elevaria suas pretensões com respeito às pessoas e aumentaria a relação de dependência entre a Igreja e o céu, que é a relação de dependência que estabelecem todas as liturgias religiosas; e assim as liturgias aumentariam. Mas, em vez de ser assim, acontece o contrário, a Igreja desce até a Terra. Quando a Igreja desce até a Terra e busca se acomodar àquilo que está acontecendo na Terra, é porque a base histórica que a sustenta já está morrendo. Senão a Igreja não desceria à Terra; aumentaria as suas pretensões porque mais gente estaria indo à Igreja. Antes, por exemplo, durante as grandes greves, as grandes mobilizações, produto da fome, da miséria e da guerra, mais gente ia à Igreja: as avós, os avôs, os pais e os filhos. Agora não. Agora avôs, filhos e pais, pegam as armas. E se, por acaso, ainda ficam com Deus, é para se tapar do frio. A Igreja já não é um centro de consolação, de convicção, ou que se busca como uma compensação da falta de meios materiais.

Por isto a Igreja desce e adapta-se e situa-se nos problemas da Terra. Já não eleva as pessoas aos problemas da religião; é a religião que se adapta aos problemas da Terra. E, de todas as reformas, esta é a mais importante, pois demonstra a sua adaptação aos problemas da Terra. Para manter a sua estabilidade a Igreja deve manter-se tal como se formou: estrita rigidez para que o pensamento terreno não penetre, nem vinho, nem sexo, nem cigarros. Pois agora, é permitido abandonar o hábito, fumar, beber, ir dançar, "casar-se e ter filhos"; apesar de que isto já era uma coisa normal e comum, mas agora está tudo legalizado. Há certos padres que podem se casar e ter filhos, outros não (1).

A função histórica da Igreja era de afastar os padres de todas as pressões sociais para que eles pudessem cumprir uma função à parte, separada, qualquer que seja o regime social. Com isto, impedir a contaminação, a influência do pão, do vinho, dos cigarros, do sexo, apesar que os Papas comiam, saíam com mulheres, etc. A Igreja já tem que admitir a influência direta do sexo, caso contrário, não admitiriam os casamentos. Sua aliança com os anglicanos, com os ortodoxos, está demonstrando a influência do sexo, porque todos estes se casam, e cada um tem várias mulheres. Quer dizer, eliminou-se a base histórica sobre a qual a estabilidade da Igreja se assentava! - Que era a alienação dos problemas terrenos. Era um preconceito, era o princípio da Igreja.

Hoje, para viver, tem que descer à Terra, tem que dizer que vai à Terra. Não estamos brincando com o crente que é honrado e que busca o progresso humano. Dizemos isto porque, se ele quer promover o progresso, una-se à revolução! Como a esquerda democrata-cristã do Chile ou da Itália. Busque o contacto com a revolução. Esta é a maneira que tem para tornar útil o seu sentimento nobre: busque a revolução! O resto é a decadência, é a desintegração.

Quando a Igreja tem que desintegrar-se nos seus fundamentos, é porque já não tem força histórica, caso contrário se manteria. Para continuar sustentando-se e reproduzindo-se, a Igreja deveria fazer como antes: nem pão, nem vinho, nem cigarros, nem sexo. E, para sustentar-se, tem que deixar os cigarros, pão, vinho e sexo. É por isto que hoje vemos padres pela rua, fumando como qualquer pessoa. Fuma, põe a batina e dá o sermão. Quando dá os sermões, pensa em que? Já tem o cigarro, come e à noite vai deitar-se com a mulher. Apesar de que estabelecem certas categorias, dos que podem se casar e dos que não, de uma ou de outra maneira, a influência do sexo já existe. O gosto pelo cigarro tem um sentido sensual. O padre que fuma, o faz para substituir o sexo. Mas amanhã vai fumar e também vai se deitar com uma mulher. Trata-se de buscar uma saída à pressão sensual através do cigarro, da bebida, e vestindo-se igual que as pessoas comuns. Eles querem prender o sexo com cadeado, e não é possível; o sexo precisa ser educado para ter um funcionamento racional de continuação da espécie humana, de continuação lógica da humanidade.

Esta reforma tem o objetivo de adaptar a direção central da Igreja às perspectivas que se desenvolvem, que são de liquidação do capitalismo. E preparam-na para adaptar-se ao processo de ascenso, de desenvolvimento dos Estados operários. Como a Igreja espera, quer e crê que a burocracia dos Estados operários vai dominar para sempre, trata de se adaptar a esta perspectiva, e não à perspectiva capitalista. O motivo desta reforma é este. Porque todo o velho Concílio estava baseado em elementos e em sujeitos saídos e vinculados aos setores mais reacionários do sistema capitalista; apesar de que hoje não existe diferença entre o mais reacionário e o menos reacionário, não existem tendências, porque o ajuste final de contas os iguala no medo e na reação contrarevolucionária (2). São os setores que tinham 30, 40 ou 50 anos de cúria, os que dominavam a Igreja, setores estratificados, petrificados. Indivíduos que não podem sentir nem compreender e nem têm capacidade diplomática, de manobras, para adaptar-se às circunstâncias que existem. Não assimilaram, não aprenderam, não puderam desenvolver nenhuma confiança na capacidade de adaptação da Igreja, porque são os indivíduos que vêm da etapa anterior, principalmente gente que não compreendeu o que aconteceu depois da guerra. Por este motivo se dão as mudanças na Igreja. E foi liquidada uma grande quantidade de cardeais; uma enorme quantidade de bispos e cardeais que dominavam a Igreja em escala mundial, e que continuam conservadorizados com o pensamento anterior da Igreja e apesar dos chamados do Papa anterior e deste, não mudaram. E, apesar de que dizem: "Sim, João, todas as vacas são tuas", continuam aí sem se mexer. Mas, depois do discurso anterior do Papa, no qual diz que são necessárias certas estatizações, nacionalizações, e no qual ataca a guerra, as mudanças foram recebidas pelos setores mais antigos da Igreja com oposição, e foram rechaçadas. Não houve mobilizações a favor do Papa. Ainda vão acabar dizendo que o Papa é o "infiltrado número um".

Estas reformas na estrutura da Igreja têm o objetivo de abrir espaço para gente que sinta, que comprenda que é necessário mudar. Não se trata de gente que está abandonando a religião e sim de gente que tem capacidade de manobra para adaptar-se ao curso ascendente da Revolução e para compreender que eles vão acabar liquidados. E demonstram que não têm força para enfrentar este acontecimento, pois em vez de irem batizar as armas do capitalismo, correm para adaptar-se ao processo que vem. É a prostração de todas as idéias religiosas. Para poder sustentar-se, eles deveriam aumentar o poder do "céu", isto é, a capacidade de persuasão e influência da religião. Em vez disto, quando descem à Terra, é porque sentem muito mais o medo que há no capitalismo, do que a capacidade de persuadir a população ignorante. Caso contrário, não fariam isto. Em vez de descer, como desceram, liquidando toda esta camada conservadora, aumentariam o seu poder eclesiástico. E aí o estão diminuindo; estreitam mais os laços com a influência da Terra. Hoje os jovens exigem condições para ser padres ou fazer carreira; entre outras coisas: poder fumar, divertir-se, dançar, aceitam a "vida mundana". Nós vimos padres dançando a "zamba" e outros, o malambo, e dançavam bastante bem, se vê que têm prática, e, além disto, sentem a música. Se acreditassem em Deus, não sentiriam a música, porque a música está afastada de Deus, e é uma coisa para os profanos.

Esta reforma da Igreja demonstra que eles sentem que o ajuste final de contas se aproxima, se não fosse assim, não tomariam esta atitude. E o ajuste final de contas não é, para eles, uma luta que vai decidir-se com incertezas; quando mudam na direção que estão mudando, é por-

que se inclinam a ver que é o capitalismo quem desaparece. É isto o que estão anunciando. E a Igreja é o suporte e a base com a qual a propriedade privada e o capitalismo sempre contaram, porque é uma das formas que mantêm a rigidez, a imobilidade mental, para submeter a mente à propriedade do que manda. O que manda é o que tem razão. O que manda representa Deus. O que manda é o que tem o dinheiro, é o que tem a arma, é o que decide. Mas hoje, quando eles têm que mudar na direção não de quem manda hoje, e sim vendo a perspectiva através dos Estados operários, é porque uma grande base da Igreja já está desertando. Ela não é derrubada porque há interesses privados que a mantêm! Se não fosse pelos interesses financeiros, a Igreja já teria quase desaparecido.

Uma das bases essenciais da sua manutenção, além da sua função ideológica, é a função dirigente diretamente financeira, pois tem negócios, empresas, explorações. Não apenas defende a existência do capitalismo através da defesa ideológica da idéia de Deus, da submissão à Deus, como também tem negócios. Mas, quando têm que fazer tal reforma, não é porque se discutiu e se decidiu em cima, mas sim porque embaixo encontra cada vez menos base. Por exemplo, precisam de 10 mil padres, na América Latina, em poucos anos, e não conseguiram juntar 500. Ofereceram-lhes de tudo: que podem fumar, podem beber, podem dançar, têm os domingos livres, e nada. E os que ficam, demonstram que sentem a influência da população, mas não sentem porque só agora se sensibilizaram. A sensibilidade deles é um efeito direto de verem que o capitalismo perde força e que avança a revolução, então vão vendo que o capitalismo desmorona. E, se antes viram as pessoas aparentemente desoladas, buscando um consolo, hoje existe muito mais gente nestas condições mas que não vai procurá-los. Então os religiosos estão vendo que as massas não se orientam pela religião e nem pelo capitalismo; e adaptam-se a este processo. E o acerto na cúpula do Concílio, é uma resposta ao que observam abaixo.

Existem menos padres; e devem dar mais independência e liberdade aos padres que se mantêm, fechar os olhos a todas as trapaças que fazem. A Igreja assiste à decomposição do sistema capitalista e da sua própria estrutura. Camilo Torres não é um exemplo único, nem exclusivo. Na realidade Camilo Torres empunhou a arma e foi lutar para tratar de resolver a contradição entre a sua crença, ainda, em Deus, e o fato de que a solução é a luta contra o capitalismo. Porque foi a atitude repentina de um indivíduo que tomou esta atitude. Ele tinha uma enorme pressão na cabeça, e quis resolvê-la assim. Mas em Nova York um padre fez um sermão em defesa de Camilo Torres, defendeu seus métodos e disse que devia-se imitar Camilo Torres para defender os necessitados, e utilizou a Igreja para defender a luta contra o capitalis-

mo. Os jornais estavam escandalizados, e diziam: "Como deixam este sujeito?". E o cardeal respondeu: "Olha, é melhor este do que o outro, porque o outro que vier vai ser pior". E deixaram o padre, não foi expulso e nem aconteceu nada. E na Colômbia também. A deterioração da Igreja é constante, mas não apenas dos cardeais, que é onde menos se expressa porque são os que já estão aclimatados, têm mais solidez, mais anos de função e então assimilaram o interesse da Igreja e a falta de confiança na humanidade.

A deterioração da Igreja vem de baixo. Por exemplo, os dominicanos, no Brasil, chamam a uma greve geral contra a guerra. Os métodos que estes padres empregam, não são circunstanciais, são métodos que vêm diretamente da influência da revolução. Todos eles vivem a revolução, sentem-na, não são imparciais, mesmo na sua função religiosa. Dizem que "Deus é cego", mas desta vez não, desta vez fazem Deus ver, porque vêem a Revolução Mundial, e intervêm diretamente. Quando chegam ao ponto de dizer que "é preciso fazer uma greve geral contra a guerra", é que estão tomando partido, e utilizam a Igreja contra o sistema capitalista. Eles não têm consciência de para onde vão, respondem à pressão diária que sentem, das pessoas com quem tratam, discutem, vêem; mas acima disto tudo, eles sentem e vêem que a moral capitalista se desmorona, eles vêem os capitalistas, vêem-nos diretamente nas suas relações, e quando vão se confessar. Se bem que os capitalistas têm pouco hábito de se confessar, mas vêem pelos seus familiares, pelas avós, os pais, as mulheres, e principalmente quando as mulheres vão procurar consolar-se com o padre e os homens vão consolar-se com os padres. Nesse negócio todo, eles vão vendo a debacle capitalista, a perda de moral, e que cada um se vira como pode. Vêem e sentem isto. Em que os capitalistas gastam o dinheiro? Nas festas, nos festins, no erotismo da vida capitalista, na vida dedicada aos prazeres, nas compras imbecis. Por exemplo, um capitalista com uma família de cinco pessoas, compra seis carros. E a Igreja sabe disto, estão vinculados de uma maneira ou de outra, e vêem o gasto insensato do dinheiro. Antes gastavam com outras coisas, mas esta dedicação deles agora significa a impotência, não vêem o futuro, então tratam de usufruir e tirar o máximo de suco possível.

A Igreja vê isto, vê a impotência deles, que não podem persuadir nem convencer, e têm que recorrer às armas. E vêem que a arma atômica liquida com o mundo capitalista, então agarram-se desesperadamente na renovação da Igreja, da forma como é possível renová-la; não podem decretar a renovação da Igreja, esta se afundaria, então escondem e fazem camuflagem. Aparentemente fazem uma reforma para agilizar a Igreja, mas no fundo é uma reforma para adaptá-la às perspec-

tivas que eles vêem a curto prazo. É a expressão direta do pessimismo da Igreja, que vê que o sistema capitalista desmorona. É a confirmação de que eles vêem que a revolução triunfa.

Os comunistas na Itália são os que constantemente publicam e tiram resoluções sobre a Igreja: "A Igreja deveria fazer isto, deveria fazer aquilo, deveria estar aqui...". Em Reggio Emilia, que é uma zona comunista, conhecida como "a zona vermelha", os comunistas triunfaram nas últimas eleições, como têm triunfado há muitos anos. O prefeito de Bolonha fez um chamado à Igreja, a um acordo com a Igreja; fez um elogio ao bispo daí, o que teve um eco muito grande. Mas o bispo, que não é idiota, percebeu o negócio, e tirou vantagem. Aceitou os elogios comunistas e a tribuna que os comunistas lhe ofereceram, mas, ao mesmo tempo, advertiu sobre a diferença de interesses entre a Igreja e os comunistas: "Enquanto os comunistas continuem sustentando a política de revolução, de liquidação dos inimigos, não haverá acordo". E cinco ou seis dias depois, responderam ao sujeito: "Abandonamos a revolução, a luta armada, a liquidação do inimigo, somos «tutti italiani»". O prefeito comunista disse isto: "Sejamos «tutti italiani»". Quer dizer, eles procuram a Igreja, não porque necessitem do apoio da Igreja, e sim porque necessitam de uma base social para sustentar-se, porque se não, têm que depender da Revolução, do proletariado. Necessitam do proletariado para o apoio eleitoral, mas para impedir a revolução, necessitam conciliar com o capitalismo, e fazem-no através da Igreja. O Partido Comunista fez isto em Reggio Emilia.

Esta reforma administrativa, orgânica, social-jurídica, da Igreja, é a continuação da outra reforma que o Papa fez. E a reforma anterior, que é tão importante como esta, é a declaração de limitação da propriedade privada. Esta é uma das bases mais essenciais da função da Igreja. O Papa nega a possibilidadede do sistema capitalista perdurar, e fala de soluções sociais: "As pessoas vivem mal, por que existem pessoas que têm muito e outras que não têm nada? - diz - e estes que têm muito são os capitalistas". Fala de coletivização controlada. A Igreja admite a coletivização! Quando a Igreja admite a coletivização, é porque os setores inferiores e médios da Igreja já estão contaminados! A função litúrgica, conciliar, administrativa, da Igreja, é menos importante, porque a base da sustentação do capitalismo é a defesa da propriedade privada, e eles atentam contra esta base. É um golpe tremendo contra o capitalismo. E é a base de conciliação com a burocracia soviética, a burocracia dos Estados operários e dos Partidos Comunistas.

A resolução recente de reajuste do funcionamento administrativo da

Igreja, mostra que ela sente a queda e a desintegração do capitalismo. Este é o barômetro. O Papa faz uma reestruturação do aparato da Igreja que não favorece ao capitalismo, e que tem o sentido de sintonizar-se com forças e relações que não são as atuais, pois esta reforma elimina a forma natural, o funcionamento natural, a função natural da Igreja de ser um instrumento conservador, distante das influências do progresso. E esta reestruturação torna-a sensível ao progresso, porque elimina os indivíduos que vivem da época feudal; elimina-os e introduz uma mudança que permite a influência das correntes de ascenso e progresso mundial, econômico e social. Fazem isto para defender-se, mas têm que defender-se abrindo as portas a estas influências, para procurar adaptar-se aos Estados operários. Isto está mostrando que o capitalismo está atrofiado, recorre a medidas fora do seu sistema e do seu funcionamento normal, recorre a medidas empíricas, pois não há perspectivas capitalistas.

J.POSADAS

NOTAS

1-J. Posadas mostrou posteriormente que o fato de que o sistema capitalista não haja podido lançar a guerra contra os Estados operários, fez aflorar todas as suas contradições internas, e que a forma que o processo da luta de classes assumiu, com o progresso dos Estados operários e da URSS em particular é o de conflito antagônico sistema contra sistema.

2-Refere-se aos diáconos, categoria que pode ministrar alguns sacramentos sem serem sacerdotes, e pode casar e ter filhos.